

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL  
- PLAGEDER**

**SINÉSIO GEROMIR KLAUCK**

**A HISTÓRIA AGRÁRIA DE PICADA CAFÉ / RS**

**PICADA CAFÉ**

**2011**

**SINÉSIO GEROMIR KLAUCK**

**A HISTÓRIA AGRÁRIA DE PICADA CAFÉ / RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel

**PICADA CAFÉ**

**2011**

**SINÉSIO GEROMIR KLAUCK**

**A HISTÓRIA AGRÁRIA DE PICADA CAFÉ / RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Porto Alegre, 1º de agosto de 2011.

---

Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel - Orientador  
UFRGS

---

Prof. Dr. Carlos Guilherme Adalberto Mielitz Netto  
UFRGS

---

Prof. Dra. Marlise Amália Reinehr Dal Forno  
UFRGS

## AGRADECIMENTOS

*Nesse espaço, quero agradecer a todas as pessoas que fazem parte da minha vida, e que sabem que a trajetória até o presente momento foi enfrentada com perseverança, dedicação e muito estudo. Agradeço à minha família e a Deus, que são o meu alicerce e que me fortalecem na caminhada cotidiana. A compreensão e ajuda em momentos difíceis foi muito importante.*

*Agradeço a todas as pessoas envolvidas no contexto de criação e aplicação do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural. Este curso foi bastante significativo para mim, pois, além de ter tido a oportunidade de ser acadêmico de uma universidade reconhecida e marcada com sua história, também pude aprender muito sobre a vida em nosso planeta, e, sobretudo, a valorizar as pessoas e as condições do seu entorno sob diferentes espectros sociais, e ainda entender as transformações que ocorrem ao longo do tempo e do espaço.*

*Agradeço à equipe do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Picada Café e Nova Petrópolis, pela concessão de informações e dados para a realização das pesquisas nos anos de 2009, 2010 e 2011. Agradeço a todos os agricultores com quem troquei informações ao longo desse curso, pois sei que eu fui importante para eles, e eles para mim.*

*Agradeço à equipe do Pólo Universitário de Picada Café, pela sua competência em fazer deste um espaço acadêmico reconhecido no país, e por sua simpatia e reciprocidade, principalmente nas horas difíceis, em que sua disposição foi um elemento diferencial e motivador.*

*Agradeço ao Professor e Coordenador do presente curso de Graduação, Lovois de Andrade Miguel, e à Camila Vieira da Silva, que foram pessoas muito importantes durante o período da orientação.*

*Ser aluno da UFRGS é muito especial. No presente momento, ao finalizar mais uma etapa da minha vida, estou feliz, pois tenho a certeza de que me dediquei para ser um bom aluno e para fazer o melhor possível.*

*“Inclui nas tuas presentes escolhas a  
integridade física futura da Humanidade  
como objeto da tua vontade.”*

*Hans Jonas (O princípio da responsabilidade, 1979)*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as características do meio rural e o município de Picada Café no seu contexto, enfatizando aspectos da estrutura fundiária e as formas de diferenciação das propriedades rurais, as formas de produção agrícola e o contexto de estilo de vida rural. Esta problemática será embasada nas transformações contemporâneas, como a imigração alemã, adoção e decadência do sistema de produção colonial, industrialização, fragmentação de propriedades via processo de minifundização, êxodo rural, emancipação e diversificação de atividades urbano-industriais no município. Estes elementos foram importantes no corpo da história local, porque constituem-se como condicionantes do espaço de vida na atualidade em Picada Café. Portanto, antes de compreender a realidade atual do espaço rural do município referido, apresentar-se-á análises que se conectam e que fundamentam esse contexto, ao longo de sua história contemporânea.

Utilizaram-se sistematicamente a abordagem quantitativa, com a pesquisa de campo, e a abordagem qualitativa, através da pesquisa bibliográfica, para dar sentido às análises realizadas. O uso dessas duas ferramentas possibilitou a congruência da análise bibliográfica histórica e do momento atual, baseado em dados concretos estatísticos e com entrevistas com informantes-chaves. Os resultados apontam grande presença da cultura alemã; de características de paisagem rural dentro do espaço da urbanização; de minifúndios, sob o processo de partilha das famílias rurais; da acaciocultura; da presença dos “colonos-operários”; e da agricultura familiar de subsistência em Picada Café, sendo esta problemática decorrente da industrialização, do envelhecimento rural, das transformações contemporâneas e do contexto de inserção regional da população local.

**Palavras-Chave:** Picada Café; Transformações Contemporâneas; Agricultura; Vida Rural; Estrutura Fundiária.

## ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit hat als Ziel, die Charakteristika der ländlichen Umwelt und den Landkreis Picada Café in seinem Kontext darzustellen. Dabei werden Aspekte, wie die agrarische Struktur und der Unterschied zwischen den ländlichen Gütern, die Arten der landwirtschaftliche Produktion und der Kontext des ländlichen Lebens, betont. Die Problemstellung basiert auf zeitgenössische Veränderungen, wie die Deutsche Einwanderung, die Annahme und der Verfall des kolonialen Wirtschaftssystems, die Industrialisierung, die Zerstückelung der Grundbesitze durch Bildung von kleine Grundbesitze, der ländliche Exodus, die Emanzipation und die Diversifizierung der städtischen und industriellen Aktivitäten des Landkreises. Diese Elemente waren bedeutend für den *corpus* der örtlichen Geschichte, denn sie bedingen das heutige Leben von Picada Café. Bevor also die aktuelle Realität des ländlichen Lebensraumes des genannten Landkreises dargestellt wird, werden wir kongruente Analysen präsentieren, die diesen Kontext in der jüngsten Geschichte verstehen helfen wollen.

Bei der Untersuchung wurde sowohl eine quantitative, durch eine praktische Erforschung des Umfelds, als auch eine qualitative Untersuchung, durch eine Bibliografische Bestandsaufnahme durchgeführt. Die Anwendung beider Werkzeuge ermöglichte die Kongruenz der umgreifenden bibliografischen Analyse der Vergangenheit mit der Gegenwart, auf Grund konkreter statistischer Daten und Interviews mit in Schlüsselpositionen stehenden Informanten. Die Ergebnisse weisen auf starke Gegenwart deutscher Kultur hin; auf Merkmale des Ländlichen im Städtischen; des Kleingrundbesitzes bei der Teilung des Landes unter den ländlichen Familien; des Anbaus der Akazie; des Typs des „Arbeiter-Bauers“; und der familiären Subsistenzlandwirtschaft in Picada Café, eine Folge der Industrialisierung, des Veralterns der bäuerlichen Gesellschaft, der Wandlungen der Gegenwart, und der Eingliederung der lokalen Bevölkerung in den regionalen Kontext.

**Schlüsselwörter:** Picada Café; zeitgenössige Veränderungen; Landwirtschaft; landwirtschaftliches Leben; Agrarstruktur.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> - Brasão de Picada Café.....	24
<b>FIGURA 2</b> - Mapa de Picada Café: divisão de bairros e localidades.....	25
<b>FIGURA 3</b> - Macrozoneamento ambiental do RS.....	27
<b>FIGURA 4</b> - Vista aérea de Picada Café - lado norte .....	28
<b>FIGURA 5</b> - Vista aérea de Picada Café - lado sul.....	28
<b>FIGURA 6</b> - Importância dos setores econômicos em Picada Café para o ano 2005 em termos de valor adicionado .....	29
<b>FIGURA 7</b> - Caverna indígena no Bairro Quatro Cantos.....	31
<b>FIGURA 8</b> - Mapa das migrações no território gaúcho a partir da colonização no RS.....	34
<b>FIGURA 9</b> - Casa em estilo enxaimel localizada em Linha Quatro Cantos .....	36
<b>FIGURA 10</b> - Evolução da indústria coureiro-calçadista no Rio Grande do Sul .....	47
<b>FIGURA 11</b> - Colheita de milho e silvicultura ao fundo em Picada Café .....	59
<b>FIGURA 12</b> - Áreas planas e íngremes de Picada Café .....	59
<b>FIGURA 13</b> - Força de tração animal leve .....	64
<b>FIGURA 14</b> - Uso do trator .....	64
<b>FIGURA 15</b> - Área dos imóveis rurais pequenos, médios e grandes.....	69
<b>FIGURA 16</b> - Principais características da agricultura de subsistência familiar em Picada Café.....	70
<b>FIGURA 17</b> - Principais características da agricultura familiar com renda agrícola / pluriatividade em Picada Café.....	72
<b>FIGURA 18</b> - Principais características da agricultura patronal em Picada Café.....	73
<b>FIGURA 19</b> - Principais características da propriedade rural de reduto ecológico / chácara / sítio em Picada Café.....	74
<b>FIGURA 20</b> - Mapa da zona urbana e rural de Picada Café.....	81
<b>FIGURA 21</b> - Porcentagem das populações rural e urbana em Picada Café.....	82
<b>FIGURA 22</b> - Comunidade rural de Linha Quatro Cantos.....	82

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - Estrutura fundiária de Picada Café na década de 1930.....	38
<b>TABELA 2</b> - Estrutura fundiária de Joaneta na década de 1930.....	39
<b>TABELA 3</b> - Efetivo da pecuária em Picada Café (2009).....	55
<b>TABELA 4</b> - Levantamento da capacidade de alojamento dos avicultores do município de Picada Café em 2009.....	56
<b>TABELA 5</b> - Lavouras permanentes em Picada Café em 2007.....	57
<b>TABELA 6</b> - Lavouras temporárias em Picada Café em 2009.....	58
<b>TABELA 7</b> - Produtos da silvicultura em Picada Café em 2009.....	60
<b>TABELA 8</b> - Distribuição dos silvicultores nos diferentes bairros do município de Picada Café (2011).....	61
<b>TABELA 9</b> - Importância da silvicultura nos diferentes bairros do município de Picada Café (2011).....	62
<b>TABELA 10</b> - Distribuição das propriedades rurais nos diferentes bairros de Picada Café (2011).....	66
<b>TABELA 11</b> - Distribuição das propriedades rurais nos diferentes bairros de Picada Café segundo estrato de área (2011) .....	67
<b>TABELA 12</b> - Distribuição das diferentes formas de agricultura nos bairros de Picada Café (2011).....	75
<b>TABELA 13</b> - Distribuição, segundo estratos de idade, dos responsáveis de propriedades rurais nos diferentes bairros de Picada Café (2011).....	77
<b>TABELA 14</b> - Ocorrência de residência nas propriedades rurais de Picada Café/RS (2011) .....	78
<b>TABELA 15</b> - Ocorrência de pagamentos de documentos de arrecadação de receitas federais nos bairros de Picada Café (2011).....	79

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>15</b>
<b>3 REVISÃO TEÓRICA .....</b>	<b>18</b>
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>23</b>
4.1 O MUNICÍPIO DE PICADA CAFÉ/RS NO SEU CONTEXTO .....	23
4.2 A BASE DA ECONOMIA LOCAL .....	29
4.3 OCUPAÇÕES HISTÓRICAS DO ESPAÇO AGRÁRIO.....	29
4.3.1 A colonização alemã em Picada Café .....	32
4.4 ORIGENS DO NOME DE PICADA CAFÉ .....	37
4.5 TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NAS FORMAS DE VIDA RURAL LOCAL .....	37
4.5.1 A década de 1920 .....	37
4.5.2 Estratégias governamentais nacionais para o desenvolvimento rural .....	40
4.5.3 Impactos locais da Revolução Verde .....	42
4.5.4 Industrialização e mudanças produtivas locais .....	43
4.5.5 Picada Café no contexto regional da época .....	45
4.5.6 Minifundização das propriedades rurais .....	49
4.5.7 Novas relações com a agricultura e com o meio rural .....	50
4.6 AGRICULTURA E VIDA RURAL NO MOMENTO ATUAL DE PICADA CAFÉ .....	51
4.7 RELAÇÕES DE IDENTIDADE SOCIOCULTURAL LOCAL .....	53
4.8 FORMAS DE PRODUÇÃO AGROSILVOPASTORIS .....	54
4.9 O CASO DA SILVICULTURA .....	60
4.9.1 Registros no DEFAP/SEMA.....	60
4.10 A DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES NA AGRICULTURA .....	63
4.11 ESTRUTURA FUNDIÁRIA LOCAL .....	65
4.12 DIFERENCIAÇÕES DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA .....	69
4.12.1 A agricultura familiar de subsistência .....	70
4.12.2 Agricultura familiar com renda agrícola/pluriatividade .....	71
4.12.3 Agricultura patronal .....	72
4.12.4 Propriedade rural de reduto ecológico/chácara/sítio .....	73
4.13. DEMAIS INFORMAÇÕES RELEVANTES.....	74
4.13.1 Formas de uso da terra das propriedades rurais de Picada Café/RS.....	74
4.13.2 Faixas etárias dos responsáveis pelas propriedades rurais de Picada Café.....	76
4.13.3 Residência nas propriedades rurais locais.....	77
4.13.4 Pagamento de declaração de receitas federais.....	78
4.14 ZONA URBANA E RURAL: DISCUSSÃO DOS LIMITES TERRITORIAIS .....	80
4.14.1 Delimitação das zonas urbana e rural em Picada Café.....	82
4.15 ANÁLISE REGIONAL DO CAMPO SOCIOECONÔMICO ANALISADO .....	85

<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>101</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta obra é oriunda de uma apreciação pessoal dos aspectos que podemos encontrar no imenso cenário de formas e conteúdos do espaço rural. A convivência com este ambiente desde criança, aliada à inserção no presente curso superior, foram condições muito motivadoras na busca de um entendimento mais amplo acerca desse contexto. A avaliação dos acontecimentos históricos, que condicionam a realidade atual, são essenciais para se pensar em atuações futuras no meio rural, principalmente quando falamos em desenvolvimento rural. Por isso, entender as coisas na sua magnitude, entender o como e o porquê, aprender a observar o entorno, avaliar nossa contribuição e proferir ações como humanos e cidadãos são parte fundamental do nosso papel para com a continuidade do processo cotidiano de vida no planeta.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem o propósito de apresentar, de forma sistêmica, o município de Picada Café no seu contexto, além das características do meio rural local. Assim, serão analisadas as transformações contemporâneas no espaço local, como a imigração alemã, a adoção e a decadência do sistema de produção colonial, a industrialização, a fragmentação de propriedades via processo de minifundização, o êxodo rural, a emancipação e a diversificação de atividades urbano-industriais no município. Ademais, serão enfatizados aspectos como a estrutura fundiária, as formas de diferenciação das propriedades rurais, as formas de produção agrícola no município, os limites territoriais entre zona rural e zona urbana, as relações socioculturais locais atuais e as análises do município estudado no seu contexto socioeconômico estadual-nacional.

O município de Picada Café emancipou-se em 20 de março de 1992, sob a Lei Estadual de nº9546, desmembrando-se de seu município-mãe, Nova Petrópolis. Este se localiza a 80 km de distância da capital gaúcha Porto Alegre, bem como a 45 km de Caxias do Sul e Gramado. Apresenta limites territoriais com os municípios de Nova Petrópolis, Linha Nova, Presidente Lucena, Morro Reuter e Santa Maria do Herval. É conhecido com a “Cidade dos Lírios”, integra e é sede da Rota Romântica, que por sua vez, engloba 11 municípios da região, que possuem como similaridades os vales, a região montanhosa e a cultura de origem alemã.

Picada Café é marcada predominantemente no seu território por minifúndios, que se enquadram em parcelas de até 18 ha, sendo isto resultado da minifundização das propriedades, acentuadas a partir de intensificação da industrialização ocorrida no município, a partir de 1980. A agricultura local é representada por diversas atividades, que se inserem predominantemente no contexto da agricultura familiar, no qual o trabalho é familiar, associando-se também a propriedade como local de trabalho para produção agrícola, como espaço de reprodução socioeconômica e como patrimônio da família.

Este trabalho é resultado de pesquisas realizadas junto a fontes bibliográficas diversas, ligadas aos temas da agricultura e do desenvolvimento rural, bem como a *pesquisas de campo*, realizadas paralelamente ao *andar* da presente graduação, junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Petrópolis e Picada Café, nos anos de 2009, 2010 e 2011, bem como a informantes-chaves da população local, de modo informal.

O argumento da justificativa de realização deste trabalho permeia na identificação das propriedades rurais existentes, aliadas ao estudo histórico agrário local, à classificação de elementos de diferenciação e questões segundo a sua realidade econômica, ao contexto de intensificação da industrialização e à definição de tipos de agricultura praticados em cada propriedade rural do município. Estes são parâmetros utilizados para reconhecer diferenças nestes espaços para que, assim, possam ser criados ideários consistentes acerca de políticas públicas específicas no futuro, uma vez que muitas pessoas/agricultores do município desconhecem os programas agrícolas oferecidos ou não se motivam pela falta de incentivos. Ademais, a análise sobre a fragmentação histórica das propriedades, os estratos de idade dos proprietários (êxodo rural pela baixa existência de jovens), e formas de residência ou não nas propriedades rurais do município são aspectos intrinsecamente ligados a condicionantes históricos locais, bem como às possibilidades de se pensar em novas formas de desenvolvimento.

A importância do presente estudo baseia-se em reconhecer a realidade histórico-atual da agricultura, da estrutura fundiária e da vida rural em Picada Café. Com isso, entender-se-á de forma mais abrangente o contexto das características multifuncionais do local. Mesmo que este seja representado majoritariamente pela agricultura familiar, onde percebemos diversas aproximações de cultura entre as pessoas, temos diferentes estratégias familiares dentro de diversos espaços produtivos. Destaca-se também a *importância da agricultura na continuidade* de uma alimentação saudável para a população, não só local, mas também na

região, no estado, no Brasil e no mundo. Em relação a isso, destaca-se o saber-fazer dos agricultores locais, preservado há gerações e utilizado para com a lida diária no trabalho rural. Cada pessoa possui suas características de vida próprias, e isso, com forte ênfase, deve ser respeitado diante de sua realidade e entendimento do que acontece no mundo. Assim, com um diagnóstico preciso, poder-se-á utilizar a presente ferramenta para poder enxergar melhor Picada Café no seu contexto e pensar em ações de desenvolvimento rural que privilegiem a todos os munícipes, num futuro próximo.

O objetivo geral deste trabalho é contextualizar a agricultura e suas perspectivas no município de Picada Café, dentro do contexto agrário das transformações de vida local que se manifestaram desde o período da imigração alemã, até chegar ao momento atual. Dentro disso, como objetivos específicos, apresentar-se-ão a restituição da história agrária no município analisado, a situação da atual dinâmica da agricultura e vida rural local e as perspectivas existentes nesse assunto.

## 2 METODOLOGIA

O presente trabalho apoia-se em abordagens quantitativa e qualitativa. Estas, mesmo que caracterizadas por diferentes aspectos, atrelam-se de modo a gerar uma inter-relação de análises neste trabalho, bem como têm o papel de dar sentido às abordagens apresentadas.

A pesquisa quantitativa, que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana. Por outro lado, a pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno (POLIT; BECK; HUNGLER 2004 apud GERHARDT; SILVEIRA 2009, p. 33).

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da região, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população-alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente (FONSECA 2002, p. 20 apud GERHARDT; SILVEIRA 2009, p. 33).

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meio de escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA 2002 apud GERHARDT; SILVEIRA 2009, p. 37).

De acordo com Fonseca (2002) apud Gerhardt; Silveira (2009, p. 37), “a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)”. Além disso, segundo Furasté (2008, p. 35) “a vantagem desse tipo de pesquisa é que traz elementos sempre atuais a novidades recentes, o que dá ao trabalho um referencial social e humano do contexto pesquisado”.

Os dados bibliográficos históricos foram extraídos de diferentes tipos de textos acadêmicos e fontes bibliográficas, tendo o seu conteúdo, com abordagem qualitativa, grande relevância para descrever a história local e o universo de significados imbuídos nesse contexto.

Os dados das pesquisas que demonstram a atual situação da estrutura fundiária de Picada Café foram coletados junto aos cadastros dos documentos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Picada Café, nos meses de setembro dos anos de 2009 e 2010, bem como no primeiro trimestre de 2011. Nesse caso, foram feitas a organização e sistematização dos dados (antes inexistentes) que serão apresentados neste trabalho. Estes foram coletados no período de entrega da Declaração do Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural - ITR, sendo que os mesmos estão cadastrados nos sistemas da Receita Federal do Brasil e do INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

A declaração referida acima, porém, não é realizada por todos os proprietários de áreas rurais nesse Sindicato, sendo que estes, ou realizam esta operação de forma autônoma, ou declaram em escritórios de contabilidade. Isto se deve ao fato de possuírem maior conhecimento sobre o assunto, por terem acesso à internet e também pelo seu maior poder aquisitivo. Esta realidade levou-me a consultar moradores antigos em vários bairros, no primeiro trimestre de 2011, aonde foram feitas diversas entrevistas informais com estes informantes-chaves. Isto representa um fator importante, pois estas pessoas viveram a história local até o momento.

Os dados a serem apresentados sobre as formas de produção atual na silvicultura em Picada Café foram obtidos junto aos cadastros dos documentos do DEFAP (Departamento de Florestas e Áreas Protegidas) – SEMA (Secretaria do Meio Ambiente), que por sua vez, estão arquivados no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Picada Café.

Os dados a serem apresentados, e que caracterizam os quatro tipos sociais de agricultores de Picada Café, resultam, principalmente, com a convivência existente com os mesmos e pela análise feita no momento da Declaração do Imposto Territorial Rural, que se baseia num diálogo complexo sobre suas formas de produção e de vida no ambiente rural.

A quantificação dos dados, a serem apresentados no capítulo de resultados, sob o método quantitativo, pôde ser complementada qualitativamente com os contatos obtidos diretamente com os agricultores, tanto no âmbito do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, como em seus lares, ou seja, a análise do contexto que está por trás das tabelas passa por esta importante ferramenta de construção da mediação social, o diálogo. Assim, a pesquisa de campo, representando aspectos atuais do trabalho de pesquisa, foi complementada com as investigações bibliográficas, que evidenciam importantes acontecimentos contemporâneos, que nos permitem entender a realidade histórico-atual.

### 3 REVISÃO TEÓRICA

A atividade agrícola, segundo Mazoyer; Roudart, (1997); Diamond (2003); Olson (2003) apud Assad; Almeida, (2004, p. 2), “enquanto produção de plantas e animais num local determinado, visando à alimentação de uma comunidade, remonta, há pelo menos 10000 a.C.”. Além disso, de acordo com Diamond, (2003); Olson (2003) apud Assad; Almeida (2004, p. 2), “ao longo da história da humanidade, a agricultura influencia e é influenciada por mudanças políticas, sociais e culturais”.

Os instrumentos de manejo dos agricultores neolíticos eram limitados e representados por machados de pedra polida e bastões de madeira. A agricultura era realizada com o sistema de derrubada-queimada nas mais diversas florestas e baseava-se em pousios de longa duração. Os processos pelos quais os sistemas de derrubada-queimada passaram não foram velozes, pois num primeiro momento, a agricultura estava em segundo plano, já que as principais atividades eram as caças e as coletas. Com o crescimento populacional, embora lento, aliado à rarefação de animais, a caça e a coleta apresentaram um declínio. A partir de então, a agricultura passou a ser a principal atividade produtiva. O ecossistema explorado estava em torno de suas habitações, com áreas florestais cultiváveis e não cultiváveis.

Outra definição importante para a realização deste trabalho é a definição de Unidade de Produção Agrícola (UPA). A UPA deve ser considerada como:

um sistema composto de um conjunto de elementos em interação (sistemas de cultivo e/ou criação e/ou transformação), influenciados pelos objetivos do agricultor/ produtor rural e sua família (sistema social), aberta e em interação com o meio externo (econômico, físico e humano). Assim, a UPA pode ser concebida como o ‘objeto’ resultante da interação do sistema social com o sistema natural. (MIGUEL, 2008, p. 13)

Uma rápida definição do que venha a ser agricultura, segundo as considerações de Lovois de Andrade Miguel (2008, p. 1), baseia-se no fato de que esta, no seu sentido amplo, é uma atividade social de bens obtidos pela exploração da fertilidade útil de um meio contendo geralmente populações de espécies domesticadas ou não. Esta também pode ser entendida como um objeto real sempre complexo, que é observável com o seu meio, equipamentos,

atividades, habitat, etc.; entrevistável, para com agricultores, vizinhos, passantes, sábios, etc.; variável, de um local a outro e dentro de espaço do tempo. Ademais, a agricultura é um campo de estudo imenso e variável, composto de múltiplas formas no presente (observável) e passado (identificável), bem como se caracteriza por ser um campo relativamente impossível a apreender e descrever na sua totalidade.

O processo produtivo na agricultura, segundo Bonneville (1989) apud Lima et al (2005, p. 61) “é a combinação, finalizada pela produção, dos seguintes elementos: material biológico, técnicas e práticas de produção, instrumentos de trabalho, situados em relação às escalas de espaço, tempo e tamanho”. Nesse sentido, destaca-se que o estudo da agricultura é caracterizado por diversas esferas de análise em seu grande contexto, sendo importante considerarmos todas as etapas, dentro do processo de produção, como vitais umas às outras.

Os sistemas de cultivo configuram uma forma de produzir. Existem os que requerem pouca instrumentalização, poucas ferramentas e muito trabalho humano, em contraste com aqueles que exigem mecanização e que reduzem a quantidade de trabalho humano. Esta oposição encobre por vezes uma diferenciação de desenvolvimento regional, outras vezes, dentro de uma mesma região, uma diferenciação dimensional dos estabelecimentos (FONTOURA, 2008, p.3). Por isso, dentro da totalidade das propriedades rurais do município de Picada Café, temos diversos tipos de produtores, bem como diferentes formas de práticas agrícolas, caracterizando assim, formas heterogêneas de análise na situação local.

O progresso técnico pode ser entendido como uma ação contínua na busca da racionalidade do uso de tecnologias e de técnicas que venham a facilitar o processo produtivo, com ênfase à eficiência dos mesmos. Além disso, segundo estes autores, devemos entender a importância dos fatores naturais nesse contexto, a saber: clima, topografia, tipos de solos e incidência de intempéries. Estes condicionam o tempo de espera da colheita, por exemplo, bem como representam o eixo central na análise da uniformização do trabalho (Graziano da Silva 1990 apud Mielitz; Melo 2009, p. 3). Assim, é importante considerarmos as diversas formas culturais de trabalho na agricultura e as suas respectivas transformações, que se estabeleceram ao longo do tempo, para podermos, assim, embasar pensamentos para as ações futuras. Nesse sentido, é importante entendermos a importância da análise de um sistema agrário, o qual se insere numa análise histórica de um campo de contexto no que concerne aos acontecimentos e à evolução do homem.

O conceito de sistema agrário é o mais apto a restituir a região no seu conjunto e na sua dinâmica. É um conceito onde se encontram as ciências necessárias para a concepção de projetos de desenvolvimento: econômico, socioeconômico, geografia, história e agronomia. A pertinência do conceito como ferramenta de desenvolvimento está na sua visão globalizante. Um dos primeiros objetivos do diagnóstico de um sistema agrário é propor uma hierarquia das dificuldades do desenvolvimento (MAIGROT; POUX, 1991 apud MIGUEL, 2006, p. 4).

Um sistema agrário pode ser definido como sendo:

um modo de exploração do meio historicamente constituído e durável, um conjunto de forças de produção adaptado às condições bioclimáticas de um espaço definido e respondendo às condições e necessidades de certo momento. Pode-se definir um sistema agrário como sendo a combinação do meio cultivado; dos instrumentos de produção (materiais e força de trabalho); do modo de artificialização do meio; da divisão social do trabalho entre agricultura, artesanato e indústria; dos excedentes agrícolas e as relações de troca com outros atores sociais; das relações de força e de propriedade que regem a repartição do produto do trabalho, dos fatores de produção e dos bens de consumo; do conjunto de ideias e instituições que permitem assegurar a reprodução social. (MAZOYER; ROUDART, 1997 apud MIGUEL 2006, p. 5)

A teoria dos sistemas agrários é um instrumento intelectual que permite apreender a complexidade de cada forma de agricultura e de perceber, em grandes linhas, as transformações históricas e a diferenciação geográfica das agriculturas humanas. Para compreender o que é um sistema agrário é preciso, em princípio, distinguir, de um lado, a agricultura tal qual ela é efetivamente praticada, conforme se pode observar, formando um objeto real de conhecimento, e, por outro lado, o que o observador pensa deste objeto real, o que diz sobre ele, constituindo um conjunto de conhecimentos abstratos, que podem ser metodicamente elaborados para constituir um verdadeiro objeto concebido, ou objeto teórico de conhecimento e reflexão (MIGUEL, 2008, pg. 1). Assim, num contexto agrário, podemos visualizar as transformações agrícolas e rurais no espaço do tempo, dando corpo à história agrária de Picada Café, que é o contexto que dá nome ao título deste trabalho.

No caso de Picada Café e na região, a agricultura familiar é preponderante, sendo perceptíveis algumas propriedades geridas pela agricultura patronal. No caso da agricultura familiar, a família, ao passo que assume o trabalho e a produção, também considera seu espaço de habitação como patrimônio e local de reprodução socioeconômica. Não existem divisões formais e hierárquicas do trabalho, assim como nas empresas, sendo que existem repartições de tarefas e responsabilidades que se interligam com flexibilidade. O planejamento das atividades e a tomada de decisões ocorrem no âmbito interno do grupo

doméstico. Com isso, a reprodução da família e da propriedade rural são eixos centrais dessa análise.

A reprodução da família rural está baseada no uso do conhecimento empírico, além das informações advindas dos meios de comunicação (TV, rádio, internet, jornal), de técnicos (Prefeitura, Cooperativas, Emater, Agências Privadas, etc.) e comerciantes (geralmente compradores da produção). Assim, geralmente observa-se a diversificação de atividades como estratégia para garantir o autoconsumo para os membros, diminuir os riscos e aumentar fontes de renda. Apesar disso, os produtores podem ter percepções e análises diferenciadas no seu contexto de objetivos. Por isso, são estabelecidas, com frequência, diferentes modos de realização de atividades (ritmo, intensidade, método), mesmo que isto ocorra em propriedades rurais próximas umas das outras.

De acordo com GONÇALVES; SOUZA (2005) apud TINOCO (2008), na legislação brasileira, a definição de propriedade familiar consta no inciso II do artigo 4º do Estatuto da Terra, estabelecido pela Lei nº4.504 de 30 de novembro de 1964, com a seguinte redação:

Propriedade familiar: imóvel que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada para cada região e tipo de exploração, e eventualmente trabalhado com a ajuda de terceiros. GONÇALVES; SOUZA (2005) apud TINOCO (2008, p. 1).

O conceito de agricultura familiar é relativamente recente, pelo menos no Brasil. Tem, talvez, uns dez anos. Antes disso, falava-se em pequena produção, pequeno agricultor e, um pouco antes, ainda se utilizava o termo camponês. Em linhas gerais, os empreendimentos familiares têm duas características principais: eles são administrados pela própria família; e neles a família trabalha diretamente, com ou sem o auxílio de terceiros. Vale dizer: a gestão é familiar e o trabalho é predominantemente familiar. Podemos dizer, também, que um estabelecimento familiar é, ao mesmo tempo, uma unidade de produção e de consumo; uma unidade de produção e de reprodução social (DENARDI 2001, p. 1).

A agricultura familiar representa, em nível nacional, segundo dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2006), 84,4% dos estabelecimentos rurais, num total de 4.367.902 estabelecimentos. Estes, por sua vez, ocupavam apenas 24,3 % (ou 80,25 milhões de ha) do total de hectares dos estabelecimentos agropecuários. Nesse caso, os estabelecimentos não

familiares eram 15,6 %, com ocupação de 75,7% do tamanho territorial (hectares) das áreas compreendidas para tal finalidade. Aliado a isso, nesse período, a agricultura familiar foi responsável por produzir cerca de 40% do valor bruto da produção (VBP). O Censo Agropecuário do referido ano registrou 12,3 milhões de pessoas trabalhando na agricultura familiar (74,4% do pessoal ocupado no total dos estabelecimentos agropecuários). Além disso, 18,9% da população do país (em torno de 87.628.961 pessoas) trabalhavam nestes estabelecimentos agropecuários. Deste total, 30,5% era composto por mulheres, o que de fato comprova a masculinização das áreas rurais.

Segundo Miguel (2006, p. 7), “a agricultura brasileira passou, ao longo de sua história, por diversas fases e períodos com características particulares e específicas. Pode-se afirmar que o processo de evolução da agricultura foi largamente relacionado com o processo de expansão do capitalismo no Brasil”.

A utilização do enfoque sistêmico permite explicar os mecanismos internos que orientam e condicionam uma realidade agrária e que, muitas vezes, dependem não somente das propriedades e dos seus elementos constitutivos, mas, sobretudo, de suas inter-relações. Esse preceito impõe considerar que a agricultura, no seu sentido mais amplo, não é uma simples justaposição de atividades produtivas e fatores de produção, mas sim um sistema organizado em torno de interações entre seus múltiplos componentes (MIGUEL, 1999 apud MIGUEL 2006, p. 5). Com isso, conforme ressaltado, a análise contextual de determinado tema, nesse caso, da agricultura e do meio rural de Picada Café, torna-se vital para entendermos as facetas de explicação na história do âmbito local.

A compreensão das condições de existência e as particularidades da evolução das sociedades agrárias, tanto na sua expressão mais local como regional e nacional, e indiretamente das dinâmicas agrícolas e agrárias próprias à agricultura, têm sido, de longa data, um enorme desafio para as diferentes áreas do conhecimento envolvidas com a promoção do desenvolvimento rural (MIGUEL 2006, p. 1).

## 4 RESULTADOS

### 4.1 O MUNICÍPIO DE PICADA CAFÉ / RS NO SEU CONTEXTO

O município de Picada Café, segundo dados do site do mesmo (2011), se emancipou no dia 20 de março do ano de 1992, e localiza-se a 80 km de distância da capital gaúcha Porto Alegre, bem como a 45 km de Caxias do Sul e Gramado. Este município apresenta limites territoriais com os municípios de Nova Petrópolis, Linha Nova, Presidente Lucena, Morro Reuter e Santa Maria do Herval. Sua área é de 83,3 km<sup>2</sup> e representa 0,0316 % do Estado, 0,0151 % da Região e 0,001 % de todo o território brasileiro.

Picada do Café, a partir de 1824, pertencia ao município de São Leopoldo, na zona da chamada “Colônia Velha”. A partir de 1875, com a criação do município de São Sebastião do Caí, esta pertenceu ao mesmo, isto até o ano de 1954, quando é criado o município de Nova Petrópolis, seu município-mãe. Picada Café, com sua principal sede em Joaneta, integra-se ao novo município nessa época. Já pertenceu administrativamente também a Ivoti e Dois Irmãos, devido às localidades de Morro Bock e Jammerthal, que pertenciam a estes municípios. Mais tarde, estes passaram a pertencer ao território de Picada Café. Desmembrou de Nova Petrópolis com 64 km<sup>2</sup>, de Ivoti com 5 km<sup>2</sup> e de Dois Irmãos com 15 km<sup>2</sup>.

Finalmente, a Lei 9546, de 20.3.1992, colocou Picada Café entre os 94 municípios então criados. Tem área de 83,80 km<sup>2</sup>, com 3.853 habitantes, sede no aglomerado de igual nome englobando os núcleos de Kafee Eck, Joaneta, Jammerthal, Picada Holanda, Quatro Cantos, Lichtenthal e Morro Bock (FLORES, A. H.; FLORES, M. 1996, p.75).

A figura a seguir apresenta o brasão do município, com destaque para características do contexto de representação do mesmo, como o nascer do sol (novo município), como os vales, encostas e topos de morro (relevo), as fontes de água, as edificações industriais, o milho (culturas agrícolas), livro e pena (educação), aspectos culturais (caneco de chopp e bolas de boliche), capacete de Hermes (comércio), trigo (alimentação), folhas de plátano (árvores da região) e coroa com três torres: sede e poderes executivo, legislativo e judiciário.



**Figura 1 - Brasão de Picada Café**  
Fonte: Prefeitura Municipal de Picada Café (1993)

O mapa a seguir (figura 2), apresenta a divisão de bairros e localidades do município referido, bem como menciona os municípios que fazem divisa com este, sendo Nova Petrópolis (norte), Santa Maria do Herval (leste), Morro Reuter (sul), Presidente Lucena (sudeste) e Linha Nova (oeste).



**Figura 2 - Mapa de Picada Café: divisão de bairros e localidades**

Fonte: Prefeitura Municipal de Picada Café (2004)

O município analisado possui, no presente momento, 17 bairros. Os bairros são: Centro, Kafee Eck, Joaneta, Jammerthal, Picada Holanda, Linha Quatro Cantos, Lichtenthal e Morro Bock, Bela Vista (nomeados pela população), Colina Verde, Esperança, Floresta, Jardim da Lagoa, Morro Hansen, Linha Quatro Cantos Fundos (Canelinha), São João e Serra Verde (criados por decretos de lei).

Os bairros estão situados no município segundo a seguinte direção em relação à sede: Kafee Eck: a norte; Joaneta: a norte / nordeste; Jammerthal: a leste; Picada Holanda: a sul; Linha Quatro Cantos: a sudeste; Lichtenthal: a sul; Morro Bock: a sul / sudeste; Bela Vista: a oeste; Colina Verde: a noroeste; Esperança: a sudoeste; Floresta: a oeste; Jardim da Lagoa; a sul; Morro Hansen: a norte; Linha Quatro Cantos Fundos (Canelinha): a sudeste; São João: a sul; e Serra Verde: a norte.

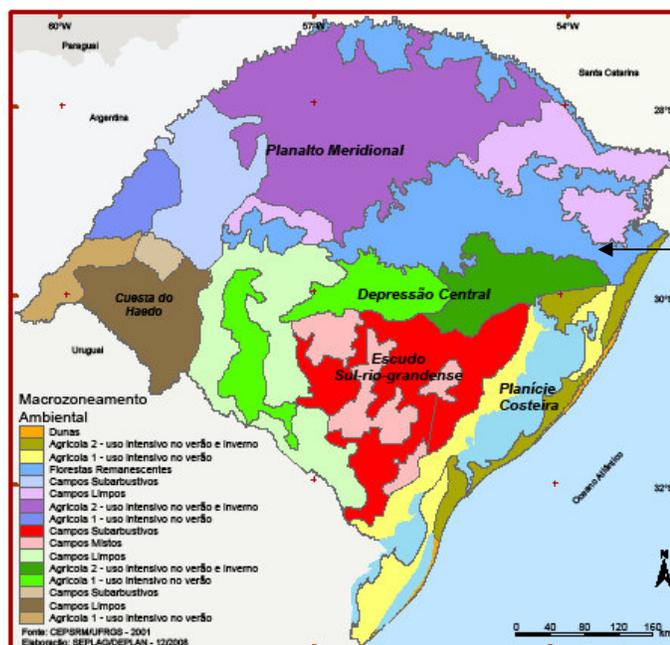
Picada Café é conhecida como a “Cidade dos Lírios”, integra a rede de turismo “Rota Romântica”, na qual estão inseridos onze municípios com características peculiares: aspecto cultural teuto e vegetação nativa em profundos vales e aclives acentuados. Picada Café pertence também ao COREDE Hortênsias.

A população de Picada Café, segundo dados do IBGE (2010), é estimada em 5.182 habitantes, dos quais 623 residem na zona rural (12%) e 4.559 na zona urbana (88%). O número de homens é visto, segundo o IBGE (2010), com o número de 2.594 pessoas, enquanto as mulheres somam 2.588 pessoas. De acordo com a FEE - Fundação de Economia e Estatística, esse município apresenta uma densidade demográfica de 56,7 hab./km<sup>2</sup> (2007); uma taxa de analfabetismo de 2,89% e expectativa de vida de 73,04 anos (2000). Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,819, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000).

Picada Café, segundo estudos realizados por Streck (2002), está situada na Encosta Sul do Planalto Meridional, com degraus escalonados de arenito com cobertura basáltica. Os vales profundos, dissecados pela rede hidrográfica, bem como nos seus demais espaços, constituem-se de mata subtropical. Picada Café é um município caracterizado por diversas formas de solo, predominando os neossolos. Nas superfícies mais rasas, perto do rio Cadeia e de riachos, os solos são caracterizados por se apresentarem arenosos. Já nas superfícies mais altas, os solos são argilosos, caracterizando uma cor avermelhada, chamado de Argissolo Vermelho Arênico.

O relevo de Picada Café é diversificado, com terrenos íngremes, em encostas e topos de morro, e planos, em áreas do entorno de rios e arroios. Em algumas áreas, a vegetação é constituída de espécies arbóreas nativas e exóticas, e em outras, são praticadas formas de agricultura em pequena escala, que por sua vez, se enquadram nos sistemas da agricultura familiar.

O mapa apresentado a seguir (figura 3), que representa o Macrozoneamento Ambiental do Rio Grande do Sul, apresenta a inserção de Picada Café na região de Florestas Remanescentes. Nesse caso, a existência abundante de mata nativa no município representa um exemplo desta realidade, em virtude dos terrenos acidentados, impróprios à utilização agrícola e/ou habitacional. Ademais, o enfrentamento com a legislação ambiental (Reserva Legal e APP's) também se constitui como condicionante de limitação de uso destes espaços.



**Figura 3 - Macrozoneamento ambiental do RS**  
 Fonte: CEPSRM/UFRGS (2001)

No Rio Grande do Sul predomina o clima subtropical, de transição entre o tropical e o temperado, do tipo Cf da classificação de Köppen. Na Encosta a umidade é alta, variando entre 66% e 92%. Basta cair a temperatura para se formar a neblina que recobre os vales. Picada Café localiza-se na isoterma de julho, de 12°C e na de janeiro de 21°C. A precipitação pluviométrica varia de 1700 a 2000 mm por ano (FLORES, A. H.; FLORES, M. 1996, p. 43).

As figuras a seguir (figuras 4 e 5) apresentam uma vista panorâmica dos lados de direção norte e sul, respectivamente, do município, a partir de um dos seus pontos turísticos, o Mirante Edgar Michaelsen, localizado há aproximadamente 600m de altitude, na localidade de Linha Quatro Cantos. Estas figuras apresentam o relevo do município, com vales, encostas e topos de morro, além da região de concentração demográfica, nos bairros Bela Vista, Centro, Joaneta, Lichtenthal, Jardim da Lagoa e Picada Holanda.



**Figura 4 - Vista aérea de Picada Café - lado norte**  
Fonte: Arquivo de pesquisa pessoal

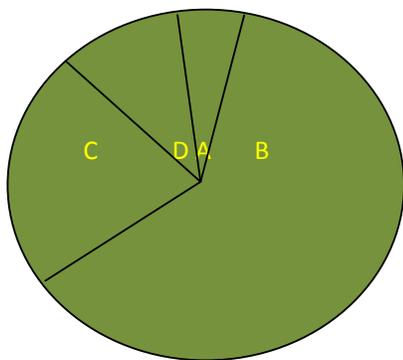


**Figura 5 - Vista aérea de Picada Café - lado sul**  
Fonte: Arquivo de pesquisa pessoal

## 4.2 A BASE DA ECONOMIA LOCAL

A economia de Picada Café está alicerçada na difusão e desenvolvimento majoritário do setor coureiro-calçadista, sendo que uma única empresa de calçados, de grande renome, nos dias atuais, representa 70% de ICMS (Índice de Circulação de Mercadorias e Serviços) do município. Assim, a figura abaixo apresentada (figura 6), que traz informações do ano de 2005, realizadas pelo IBGE, sofreu alterações quanto ao poder econômico das indústrias locais. O demonstrativo aponta também baixa participação da agricultura na economia local, com apenas 5,01%. Ademais, o setor da indústria não se abastece de matérias-primas advindas da agricultura, ou seja, não existe produção agroindustrial no município analisado.

- A** Agropecuária: 5,01%
- B** Indústria: 56,03%
- C** Serviços (inclusive administração pública): 28,82%
- D** Administração Pública: 10,13%



**Figura 6 – Importância dos setores econômicos em Picada Café para o ano 2005 em termos de valor adicionado**

Fonte: IBGE. Produto Interno Bruto dos Municípios, 2005.

## 4.3 OCUPAÇÕES HISTÓRICAS DO ESPAÇO AGRÁRIO

A história de ocupação de Picada Café teria começado a ser escrita com a ocupação indígena, que estabelecia seus costumes em diversos espaços, através de migrações. A história começaria a ter outro rumo com a chegada/ocupação dos imigrantes alemães, a partir do ano

de 1844, quando o espaço analisado pertencia à Colônia de São Leopoldo. Os colonos se confrontaram com a cultura dos indígenas, tanto que hoje ainda são perceptíveis legados históricos deixados por estes últimos, como cultivos agrícolas (milho e mandioca), cavernas e objetos encontrados e preservados pela população local atual. Os registros bibliográficos apontam para a existência de três espécies de índios no local, sendo estes:

# pré-cerâmicos, que praticavam a caça e a pesca, e não conheciam a agricultura;

# caingangues, que trabalhavam de maneira simples na agricultura e fabricavam vasos cerâmicos e armas com ponta de madeira;

# tupis-guaranis, que se instalavam preferencialmente nos vales, trabalhavam com a agricultura simples para sua subsistência e fabricavam vasos cerâmicos mais desenvolvidos.

Os índios preservavam muito a natureza e tinham em mente que as terras e os recursos eram de todos e deveriam ser bem aproveitados. Estudos revelam que culturas agrícolas como o milho e a mandioca provém de índios, que teriam disseminado estas para vários lugares, através de sua rotatividade de migração, o que de fato, resulta numa importância muito grande para a população local atual, pois estes plantios são característicos da agricultura local. Ribeiro (1997) apud PASE (2006, p. 160) afirma que:

Algumas tribos indígenas possuíam sistemas de produção organizados em um processo de rotação de culturas e de pousio, onde o ciclo produtivo chegava a 40 anos entre o corte da mata, queima, plantio e colheita, durante alguns anos até o limite da fertilidade, e o pousio para nova derrubada, queimada e plantio (Ribeiro, 1997 apud PASE 2006, p. 160).

Esses dois povos, primeiramente, se depararam, se conheceram e começaram a estabelecer relações de aproximação e relativização. Apesar de isto ter acontecido, estas relações não foram recíprocas por muito tempo. Inicialmente, estabeleceram-se trocas de objetos e conhecimentos, mas os sistemas de prática agrícola dos brancos, através de delimitação de terras e derrubada-queimada (com o tempo, intensivos para a manutenção da família), enfureciam os índios. Esses descontentamentos, por parte dos índios, inevitavelmente, geraram conflitos entre os dois povos, que por sua vez, resultaram na extinção e migração dos índios para outros lugares ainda não ocupados.

Os alemães trouxeram consigo doenças europeias, como a gripe, a rubéola e o sarampo, desconhecidas pelos índios. Os brancos penduravam roupas infestadas nos seus varais, fato este que chamava atenção dos índios, que roubavam-nas. Assim, eram contaminados por estas doenças e desconheciam métodos de cura. Este fato, com grande probabilidade, teria extinguido muitos índios no local, e deslocado os restantes para outras terras, gerando a vinda de novas pessoas e uma nova forma de vida no local. Por outro lado, muitos foram os massacres de índios em famílias alemãs, sobretudo com sequestros de crianças. Tais aspectos evidenciam suas ideologias antagônicas, que geraram diversos conflitos.

A figura a seguir (figura 7) apresenta uma das diversas cavernas indígenas existentes no município de Picada Café. Esta se situa em Linha Quatro Cantos Fundos (Canelinha), perto de nascentes, em terrenos rochosos e de difícil acesso. Com isso, podemos permear nossos pensamentos na história dos conflitos com os imigrantes. Dentro dessa caverna existem subdivisões de tamanho e formas de trabalho escultural, mostrando-nos que existia hierarquia na moradia dos indígenas.



**Figura 7 - Caverna indígena em Linha Quatro Cantos Fundos**

Fonte: Arquivo de pesquisa pessoal

#### 4.3.1 A colonização alemã em Picada Café

O Sistema Agrário Colonial Inicial tem sua origem com o processo de colonização das áreas de florestas por parte de colonos europeus, principalmente alemães (a partir de 1824) e italianos (a partir de 1875). Este sistema agrário compreende a fase inicial do processo de colonização, fortemente marcado pela implantação de estabelecimentos agrícolas em pequenas glebas. As áreas agrícolas atribuídas aos colonos variavam entre 77 hectares (para as primeiras colônias alemãs) e 25 hectares (para as colônias italianas). Inicialmente realizando a agricultura com o sistema de derrubada-queimada, estes colonos não tardarão a implantar, ao menos parcialmente, sistemas de cultivo com tração animal leve. A produção era destinada em grande parte ao autoconsumo, destinado aos mercados apenas poucos excedentes agrícolas (MIGUEL 2008, p.7).

Os imigrantes alemães começaram a chegar ao Rio Grande do Sul a partir do dia 25 de julho de 1824, de barco, pelo Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Pelas margens do rio, carretas de boi levaram os imigrantes até a Feitoria, hoje cidade de São Leopoldo. Começava naquele domingo a saga da colonização alemã em solo gaúcho. As primeiras famílias vieram para trabalhar a terra e produzir produtos artesanais. Esta mescla de atividades, no decorrer dos anos, foi vital para as áreas do abastecimento agrícola e pecuário, e também no surgimento e comercialização de alguns produtos manufaturados. Isto deu origem a empresas que alavancariam o progresso do Rio Grande do Sul (DECKER, A.; DECKER, I. 2004 p. 13).

O município de Picada Café, nos primórdios da colonização, era considerado uma ponta da Colônia de São Leopoldo. Sua localização permitia o acesso às Colônias de Cima da Serra. Entre as dificuldades encontradas na ocupação dos alemães, a partir de 1844, estavam: feras e contato com indígenas (conforme relatado); mata densa e declividade/aclividade; corte de verbas do Governo Imperial em 1830; ocorrência da Guerra dos Farrapos - retendo colonos e a própria expansão local da colônia; e conflitos nas demarcações de terras/usurpações fraudulentas. Nesse caso, a demarcação de terras iniciou somente em 1860. Assim, cansados de esperar pelo governo, muitos colonos contrataram eles próprios os agrimensores. O terreno acidentado dificultou a demarcação. Muitas terras hoje, se fossem medidas, estariam erradas quanto ao tamanho nos seus documentos, devido à imprecisão histórica de medição.

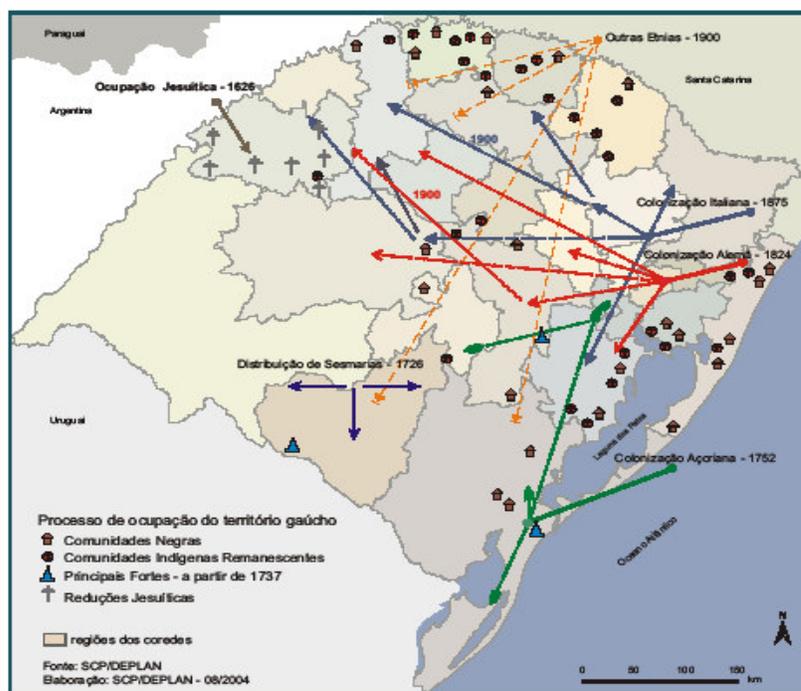
Segundo Pase (2006, p. 159), “o tamanho do lote varia de 77 hectares, até 1851, a 25 hectares no final do séc. XIX, a partir do momento em que os lotes rurais, que antes eram doados, passam a ser vendidos e a terra passa à condição de mercadoria...”.

Picada Café iniciou povoamento em 1844; Schneidersthal (Vale do Schneider) e Morro Bock, no então município de Dois Irmãos, receberam moradores das famílias Schneider e Bock. Por volta de 1850 foi atingido o vale do rio Cadeia, formando Picada Holanda (PICCOLO, 53 - 54 apud FLORES, A. H.; FLORES, M. 1996, p. 22).

O município de Picada Café, no período colonial, tinha a denominação de Picada do Café, transformando-se em Picada Café após sua emancipação, em 1992.

A ocupação da região de matas, pelos imigrantes e seus descendentes, acontece em duas etapas. A primeira ocorre na região Centro-Nordeste do Estado, com núcleos formados por imigrantes de uma única nacionalidade, chamada de colônias velhas. A segunda ocorre no Norte do Estado, no vale do rio Ijuí e região do Alto Uruguai, com início em 1890, chamada de colônias novas. (PASE, 2006, p. 159).

O mapa a seguir (figura 8) apresenta o processo de ocupação do território gaúcho, sendo perceptível a chegada dos alemães na Colônia Velha em 1824, bem como migrações da região da serra para com o centro e norte gaúcho (Colônias Novas), a partir do fim do séc. XIX, nas regiões do vale do Ijuí e Alto Uruguai.



**Figura 8 - Mapa das migrações no território gaúcho a partir da colonização no RS.**  
 Fonte: SCP/DEPLAN (2004)

Os alemães, que foram excluídos do seu país de origem, estabeleceram aqui, uma nova forma de vida e reprodução familiar, com aspectos históricos ainda hoje vistos e vivenciados pelos munícipes locais<sup>1</sup>. Estes deram origem a diversos povoados, ainda hoje existentes, como Kaffe Eck, Lichtenthal, Jammerthal, Joaneta, Quatro Cantos e Picada Holanda. Esse período de colonização da região por imigrantes alemães, anteriormente citado e chamado de Sistema Agrário Colonial Inicial, foi marcado pela implantação de colônias de imigrantes em meio às matas densas, de acordo com a distribuição de pequenas glebas, feitas pelo Império Colonial.

<sup>1</sup> Sobrenomes de famílias em Picada Café no período da colonização, nas alas oeste a leste (FLORES & FLORES, 1996, p. 25-32): Lupadel, Pritske, Weimer, Ketz, Weber, Haas, Gassen, Anschau, Sebastiani, Heckler, Sommer, Griesang, Mielitz, Peitz, Ewald, Fink, Annes, Schorr, Lenhardt, Klee, Sander, Lamberti, Bueudgen, Schneider, Alles, Fell, München, Prass, Schmidt, Matte, Hoffmann, Rhoden, Ruppenthal, Schroeder, Stein, Musskopf, Porcher, Scherer, Knebel, Vogel, Kaiser, Wentz, Trier, Kern, Heylmann, Dhein, Bühler, Petry, Zeylemann, Albrecht, Johann, Fröhlich, Warken, Brincker, Eckert, Federhen, Molter, Link, Appel, Rohr, Dockorn, Nonnenmacher, Stork, Breitenbach, Sauer, Bock, Kreuz, Kunz, Grossmann, Kaefer, Michel, Spencer, Feldmann, Heidrich, Mans, Massig, Bier, Hauptenthal, Kauffmann, Hermann, Jung, Drumm, Wenz, Klinger, Kupper, Hahn, Schabarum, Wolf, Reisdörfer, Utzig, Schlabender, Wobeto, Wissmann, Laux, Stein, Gunter, Kirschner, Bender, Röse, Klein, Müller, Bohnenberger, Bauer, Marx, Dietrich, Pletsch, Heep, Neher, von Mühlen, Zimmer, Junges, Korn, Lang, Volkweiss, Einloft, Spengler, Eckart, Rodenbusch, Staub, Herber, Metz, Steffler, Franzen, Kehl.

As terras situadas às margens do rio Cadeia, que se localiza no vale de Picada Café e corta o município de leste a oeste numa extensão de 15 km, foram ocupadas num primeiro momento, pois estas eram planas e apresentavam aspectos mais favoráveis aos cultivos, deixando as encostas e os morros de lado. Assim, povoados como Joaneta, Jammerthal, Lichtenthal, Kafee Eck, Picada Holanda e a região central foram os primeiros espaços-alvo da ocupação de imigrantes. Outros bairros, como Linha Quatro Cantos, Morro Hansen e Morro Bock, tiveram ocupação mais tardia, por volta de 1870, devido às suas condições de altitude e distanciamento dos vales. Ademais, bairros como São João, Serra Verde, Colina Verde, Floresta Jardim da Lagoa, Bela Vista e Esperança, foram criados recentemente, após a emancipação.

As características determinantes da ocupação alemã no estado gaúcho, segundo Brum (1985, p.37) apud PASE (2006, p. 159), são:

a) a pequena propriedade que, com as partilhas por herança, deu origem ao minifúndio; b) a prática da policultura com cultivo de relativa variedade de produtos e criação de animais (suínos, bovinos e aves) destinados ao abastecimento da família e à produção de excedentes para a comercialização; c) a utilização de recursos naturais, ou seja, da fertilidade natural do solo, e o uso da mão de obra dos membros da família (Brum 1985, p.37 apud PASE 2006, p. 159).

A produção local desses colonos era para o seu autoconsumo e para sua reprodução familiar, através de policultivos/trabalho familiar, bem como apropriavam-se dos sistemas de cultivo de derrubada-queimada, de ferramentas rudimentares de pequeno porte, e de força animal de tração leve (bois, cavalos, enxadas). Os animais utilizados eram confinados em espaços de mata que eram abertos e cercados por muros de pedra de taipa, e mais tarde, em galpões.

Aos poucos, as primeiras famílias foram vencendo as dificuldades naturais de adaptação da nova terra. Com paciência, esperança e boa vontade conseguiram assimilar as coisas novas ao mesmo tempo em que reiniciavam o culto dos costumes e tradições trazidos da Alemanha. Passaram então a produzir, entre outros produtos, o pão de massa mole, a geleia de frutas ‘schmier’ e as cucas doces. Já no campo de convivência social, os imigrantes trouxeram os ‘kerbs’, aqui desconhecidos pela população nativa. Eram verdadeiras festas que começavam pela manhã com cultos religiosos, viravam quermesse durante o dia, com jogos,

brincadeiras, comidas variadas, mesa farta e muita música, e encerravam com bailes que varavam a noite (DECKER, A.; DECKER, I. 2004, p.15).

A figura a seguir (figura 9), apresenta uma típica residência de descendentes de alemães. Embora estas construções tenham sido extintas pela ação do tempo e da modernidade, algumas delas ainda podem ser vistas em todo o município. A construção dessas casas era feita propriamente pelos imigrantes, que possuíam dons diversos de marcenaria, ferraria, carpintaria, etc. As casas em estilo enxaimel eram feitas com a combinação de troncos de madeira, de pedras irregulares de base e tijolos de barro, que preenchiam os espaços livres. Essas construções eram constituídas por porões, onde os colonos guardavam e conservavam alimentos como linguiça e charque, devido à inexistência de sistemas de refrigeração na época.



**Figura 9 - Casa em estilo enxaimel localizada em Linha Quatro Cantos**

Fonte: Arquivo de pesquisa pessoal

Na parte econômica, podemos dizer que a produção agrícola em poucos anos floresceu, a ponto da colônia abastecer a capital, Porto Alegre. Ao lado do trabalho agrícola, os alemães também eram *Handwerker*, isto é, artesãos. Trabalhavam a madeira, o ferro, o couro, as fibras. Desse artesanato, na Alemanha, provieram muitos nomes próprios. Assim, Schmidt é ferreiro; Schuster, sapateiro; Schuhmacher, marceneiro; Schneider, alfaiate; Wagner, construtor de carroças; Müller, moleiro. Com seu trabalho, os artesãos formaram as

bases da industrialização do Rio Grande. Não é para menos que o Vale dos Sinos se transformou numa extraordinária concentração industrial. Muitas grandes fábricas espalhadas pelas cidades de origem alemã começaram a partir de verdadeiros artesanatos, em pequenas casinhas onde tudo era feito à mão (DECKER, A.; DECKER, I.; 2004, p.15).

#### 4.4 ORIGENS DO NOME DE PICADA CAFÉ

Duas versões são consideradas como origem do seu nome: 1) os tropeiros desciam da serra com suas mulas, e paravam no local para descansar e tomar café; 2) o governo brasileiro, voltado à difusão de uma economia agrária, enviava sementes às colônias, para treinar os colonos que, na maioria dos casos, eram ex-artesãos europeus. Estes, geralmente não tinham a lida com a terra, bem como desconheciam particularidades da região, esta bastante acidentada e sujeita a erosões e geadas. No ano de 1854, João Daniel Hilebrand, ex-diretor da Colônia, em seu relatório, informava a gama variada de produtos agrícolas já cultivados na região. Destacava também o Canto do Café (Kafee Eck - bairro que existe atualmente), em Kafeeschneiss (Picada Café), como um lugar protegido do vento e próprio para o teste de plantação do café. Isto comprovava sua existência e a apreciação dos tropeiros que passavam por esta picada. Esta versão reforça a primeira e dá conotação oficial.

#### 4.5 TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NAS FORMAS DE VIDA RURAL LOCAL

##### 4.5.1 A década de 1920

Possuíam residência em Picada Café, por volta de 1920, um contingente de 212 famílias<sup>2</sup>. A estrutura fundiária da década de 1930, em Picada Café, era marcada por 463

---

<sup>2</sup> Sobrenomes alemães de moradores de Picada Café em 1920 (FLORES & FLORES, 1996, p. 71): Adam, Auskert, Backes (2), Bauer, Bendgen, Berwian (3), Biehl (2), Bock (2), Bockorni, Braun, Bumm, Bündchen (4),

propriedades, sendo estas regidas pela agricultura de subsistência familiar, com famílias em grande número de membros e a agricultura representando uma das únicas alternativas de trabalho na época (FLORES, A. H.; FLORES, M. 1996, p. 71).

Entre 1924-1936, Picada Café possuía a seguinte estrutura fundiária:

**Tabela 1 – Estrutura fundiária de Picada Café na década de 1930:**

<b>Superfície</b>	<b>Propriedades</b>
0 a 5 ha	100
6 a 10 ha	93
11 a 15 ha	92
16 a 20 ha	90
21 a 25 ha	38
26 a 30 ha	12
31 a 35 ha	16
36 a 40 ha	12
41 a 50 ha	6
51 a 72 ha	4
<b>Total</b>	<b>463</b>

Fonte: Cartório de Joaneta. In: Flores & Flores (1996, p. 40).

Conforme visto, na época, destacavam-se as propriedades/minifúndios de até 20 hectares, representando 375 propriedades, equivalendo a 81% destas no território local.

Em 1936, Joaneta, a localidade mais desenvolvida do município, possuía a seguinte estrutura fundiária (com destaque para as propriedades de até 20 hectares), segundo

---

Dahmer (2), Dhein (3), Dietrich, Dilenburg, Drumm (4), Eidenwein, Einsweiler, Feiter (2), Frank, Froehlich (9), Führ, Gehring, Goetz, Graff (7), Griesang, Grohmann, Hanauer, Heckler, Hehl (2), Hermann, Heylmann (16), Hohldefer, Jung (2), Klauck, Klein (12), Knorst (2), Kolling, Kopper (5), Kuhn, Kuntz (6), Kunz (2), Lanius, Lauer mann (2), Laux (4), Lessinger, Loeser, Loewald, Marmiet, Marschall (5), Marx (2), Nienow (2), Petry, Prass, Rickert, Riehl (3), Rohr (3), Rotterbusch, Rückert (3), Ruppenthal (2), Sander (2), Schabarum, Schenckel (3), Schmidt (3), Schneider (5), Schorr (2), Schuster, Seewald (2), Seibel, Sommer, Spengler, Staudt, Steffens (5), Stiel, Stoffel, Ternus, Trierweiler (2), Utzig (2), Voigt, Vogel (2), Wagner, Weber (2), Winter, Wolf, Worst, Zeginger.

levantamentos extraídos do Cartório de Joaneta, e citados abaixo por FLORES, A. H.; FLORES, I. (1996, p.40):

**Tabela 2 – Estrutura fundiária de Joaneta na década de 1930:**

Hectares	Propriedades
0 a 5 ha	2
5,1 a 10 ha	5
10,1 a 15 ha	14
15,1 a 20 ha	7
20,1 a 25 ha	12
25,1 a 30 ha	4
30,1 a 35 ha	-
35,1 a 40 ha	1
<b>Total</b>	<b>45</b>

Fonte: Cartório de Joaneta. In: Flores & Flores (1996, p. 40).

Com o aumento quantitativo do cultivo das culturas de milho, trigo, arroz, e amendoim, surgiram vários moinhos no entorno. Os colonos levavam seus produtos a estes estabelecimentos com seus cavalos, para a transformação em farinha, arroz descascado e óleo de amendoim. Também surgiram os primeiros comércios nas localidades de Joaneta e Picada Café, chamados de “Secos e Molhados”, onde os colonos levavam alguns produtos agrícolas e trocavam por especiarias, fazendas e acessórios, ferramentas agrícolas e outros utensílios domésticos, estabelecendo assim, um novo sistema de trocas. Com o passar do tempo, as funilarias, armazéns, açougues e moinhos na região representaram importantes avanços para o modo de vida dos colonos. Assim, surgiram sistemas de troca e de reciprocidade mais amplas, com especiarias e de compra de objetos, como carros-de-boi, arados, carroças, grades, e de transformação de alimentos em farinha, óleos e conservas. Além disso, os alemães também preservavam muito festejos populares, como o kerb, onde famílias e comunidades se reuniam para celebrar a paz e a união, durante diversos dias, quando se preparavam diversos alimentos para que as pessoas pudessem celebrar.

Os colonos traziam produtos como milho, feijão, amendoim, ovos, galinhas, marrecos, porco, toucinho, banha, linguiça,... Do leite, Lydia, filha do comerciante, fazia queijo e manteiga. O colono matava porco para seu consumo. Conservava a carne cozida e salgada, submersa na banha. O leitão permanecia meio ano solto no potreiro ou curral, para crescer e um ano no chiqueiro, para engordar; não conheciam o sistema de confinamento. Um colono *forte* conseguia vender dois porcos por quinzena. Com a venda dos produtos rurais, os colonos compravam as mercadorias disponíveis nas casas de comércio, como bebidas, açúcar, sal, arroz, azeite, pregos, querosene, tecidos, roupas,... (FLORES, A. H.; FLORES, M. 1996, p. 96).

Esses colonos, bem como os demais da região norte do Rio Grande do Sul, estavam submetidos a produzirem alimentos para novas conglomerações urbanas que surgiam no solo gaúcho e estavam favorecidas pela política econômica do Estado. Becker (1992), considerou esses colonos como “novos agentes produtivos”, capazes de estimular novas relações econômicas de produção no Estado.

BAQUERO; PRA (1995, p. 20) apud PASE (2006, p.156) argumentam:

(...) os colonos europeus tiveram um papel preponderante não só em termos de ocupação de solo, mas também, na dinamização da economia do norte do Estado e, em especial, para a criação de uma sociedade bem distinta daquela estabelecida no sul pelos pecuaristas (BAQUERO; PRA 1995, p. 20 apud PASE 2006, p.156).

#### 4.5.2 Estratégias governamentais nacionais para o desenvolvimento rural do séc. XX

As políticas governamentais da agricultura do séc. XX, estiveram fortemente baseadas numa padronização homogênea agrícola, no ideário da Revolução Verde. Estas propostas foram criadas inicialmente em países reconstruídos depois da Segunda Guerra Mundial. Isto, para os defensores da ideia, resolveria o problema da fome no mundo e traria evolução ao setor primário.

Segundo PLOEG (2003, p. 253) apud SCHNEIDER (2006, p. 62):

A produção agropecuária, de uma forma geral, consiste na mobilização e conversão de determinados recursos, o que se efetua mediante o estabelecimento de relações

sociais, políticas, institucionais, culturais e ambientais. O principal objetivo das políticas públicas brasileiras, a partir de meados do séc. XX foi justamente o fortalecimento de um dos padrões do desenvolvimento agrário, a produção agrícola e animal em grande escala, que tem entre suas características: o aumento no grau de vinculação em relação ao mercado e às instituições externas de planejamento de produção; substituição da força de trabalho pelo consumo de insumos de origem industrial; especialização; dependência com relação ao suprimento externo de saberes e tecnologias, e a rigidez na alocação e uso dos recursos produtivos, ou seja, uma elevada homogeneização e padronização das atitudes e da paisagem rural; a desconexão entre a produção e os ecossistemas e relações socioculturais; a baixa flexibilidade de mercados e de preços; o estreitamento do rendimento líquido por unidade de área ou de produto final; a elevação do montante de recursos financeiros para a obtenção de rendimentos aceitáveis (PLOEG, 2003, p.253 apud SCHNEIDER, 2006, p. 62).

Entende-se por Revolução Verde o processo de modernização técnica e produtiva ocorrida na agricultura e que teve início no final do século XIX (em algumas regiões do norte), mas, sobretudo, a partir do final da segunda grande guerra mundial. Também chamada de 2ª Revolução Agrícola dos Tempos Modernos, a Revolução Verde está baseada na utilização de insumos externos de origem industrial (adubos químicos, combustíveis fósseis, agrotóxicos, etc.), de motomecanização e de plantas e animais selecionados (MAZOYER; ROUDART, 1997 apud MIGUEL, 2006, p. 3). Este período é marcado pela crescente expansão da industrialização no país, sendo que a agricultura deixa de ser a atividade dominante, assim como fora desde os tempos de imigração. Com estas mudanças e descobertas, a agricultura passa a ser consumidora de bens do mercado industrial.

Os regimentos agrícolas e novos pensamentos dominantes, vistos com a inserção de pacotes tecnológicos (Revolução Verde), foram instituídos por governantes e pela mídia. No âmbito local, e dentro dessa nova lógica, surgiram novas práticas exógenas de agricultura, que foram adotados por quase todas as famílias, e foram responsáveis pela introdução de novas máquinas, como trituradores de pasto, esmerilhadeiras, moedores de cana-de-açúcar, motosserras, plantadeiras manuais, carretas agrícolas, instrumentos de aço e tratores de pequeno porte, todos estes aliados ao surgimento simultâneo de insumos químicos e de novas sementes.

Os avanços desse sistema geraram um manejo mais amplo na terra e uma produtividade maior, sendo que as terras foram sendo cada vez mais exploradas. Além disso, a venda destas para pessoas de origem urbana e problemas ambientais de maior relevância, não só no estado, mas também no país, são fatores que influenciaram negativamente nos meios rurais. Contudo, os índices de produtividade local, que foram gradativamente

ampliados, mas sem expressividade, não podem ser comparados aos dos grandes produtores de outras regiões celeiras, que produziam em maior escala, utilizavam pacotes tecnológicos com maior relevância e contavam com o apoio do governo para produzir e gerar lucro para a economia.

#### 4.5.3 Impactos locais da Revolução Verde

Sobre a situação agrária da época, FLORES, A. H.; FLORES, I. (1996, p. 39), destacam a visita de pesquisadores à Vila de Joaneta, em Picada Café, na década de 1960:

Em 1963 um grupo de pesquisadores esteve no vale do Rio Cadeia, levantando dados sobre Vila Joaneta, caracterizando a paisagem geográfica e variação de área de propriedades rurais (FLORES, A. H.; FLORES, I 1996, p. 39).

Estes autores acrescentam os efeitos dessa análise:

Chamou a atenção da equipe o atraso em que vivia a população, carente de tecnologia agrícola, com dificuldade de uso de maquinário por fortes aclives e por fracionamento das terras. Não havia alternativas de profissão. Particularmente a mulher, mais afeta ao lar, sentiu-se afetada pelo processo de estagnação em que a colônia se encontrava. Esta falta de perspectiva causou grande migração, em busca de melhores condições de vida. Foi quando Nova Petrópolis resolveu investir na colônia, concedendo incentivos fiscais para a industrialização (FLORES, A. H.; FLORES, I 1996, p. 39).

As propriedades, superexploradas, não foram mais alvo de práticas de derrubada-queimadas. Ao invés desse processo, a utilização de insumos químicos e minerais em abundância tornou-se frequente. Consequentemente, estas terras já não produziam nas mesmas proporções como em décadas anteriores. Surgiu, então, como grande fator de mudança, o parque industrial no entorno. As fábricas proporcionavam conduções e diversas vantagens para seus empregados, e isto fez com que muitos abandonassem a agricultura e se dedicassem ao trabalho não agrícola e industrial.

A inadequação da região de Serra à mecanização das propriedades e as dificuldades para desenvolver uma cultura comercial nos moldes da sojicultura ou outro cultivo dinâmico em extensão, constituíam-se nos principais obstáculos à modernização das pequenas propriedades dos colonos. Marx (1985) apud Schneider (1995, p. 14), “já havia destacado que a posição desfavorável dos pequenos produtores em relação aos comerciantes se deve à transferência de valor que ocorre do camponês para a sociedade, no momento da venda de seus produtos”.

O sistema produtivo colonial constitui a forma de produção agrícola utilizada pelos colonos durante o processo de colonização. Em linhas gerais ele pode ser caracterizado pela "expansão constante da zona pioneira" (Waibel, 1955), pela prática da rotação de terras, pela produção policultora de produtos de consumo básico como feijão, milho, batata e mandioca e pela relação "*dependente*" quanto aos agentes mercantis externos (vendedores e comerciantes) (WAIBEL, 1955 apud SCHNEIDER, 1995, p. 5).

A crise do sistema produtivo colonial, desencadeada a partir da década de 60 na Colônia Velha, se deve muito menos às opções subjetivas ou decisões familiares dos colonos do que à adoção de estratégias sociais e econômicas em face de uma situação absolutamente diferente daquela existente até a segunda metade do século XIX. Léo Waibel (1955) nos chama a atenção para o fato de que a reprodução do sistema agrícola colonial (do modo de vida) sempre esteve associada à forma de expansão da "*zona pioneira*". Enquanto existiam terras novas a serem ocupadas (migrações rural-rural) o colono não precisava alterar seu sistema produtivo e a forma de produzir. No entanto, quando a terra escasseia (fechamento da fronteira agrícola) interrompe-se a expansão da zona pioneira e a sobrevivência do modo de vida condiciona-se aos rearranjos internos da unidade produtiva colonial: através da reorganização do trabalho e do estabelecimento de novas relações com a sociedade global (sobretudo relações mercantis) (WAIBEL, 1955 apud SCHNEIDER, 1995, p. 7).

#### 4.5.4 Industrialização e mudanças produtivas locais

FLORES, A. H.; FLORES, I (1996, p. 84), destacam:

Nas décadas de 1960-70 ocorreu grande evasão escolar, por causa da migração dos pais, em busca de melhor trabalho. Muitas terras passaram para sítios de lazer,

notadamente de gente de Porto Alegre. Com a redução de alunos, a Escola omitiu a 5ª série e reduziu o número de freiras. Quando se instalou a indústria Brochier, em 1981, o fenômeno migratório se inverteu, com novas famílias fixando residência, em busca de emprego. Isto levantou novamente o número de alunos. FLORES, A. H.; FLORES, I (1996, p. 84)

A industrialização, iniciada em Picada Café por volta da década de 1940, com pequenas fábricas regidas por sócios-fundadores, bem como pelo Curtume Ritter, em 1943, haviam começado a mudar o rumo da economia local, juntamente com a adoção de pacotes tecnológicos agrícolas. Porém, como marco histórico, destaca-se a década de 1980, na qual se intensifica veementemente a pujança da industrialização. A instalação de indústrias do setor coureiro-calçadista mudou o cenário das famílias rurais locais, dentro dos seus aspectos de alocação de força de trabalho e de estratégias de reprodução social. Muitas famílias confrontaram-se com a exploração demasiada de suas terras e com poucas alternativas, pois os créditos agrícolas de custeio para a implantação de plantios foram beneficiados aos grandes produtores e os pequenos agricultores. Segundo Delgado (1986) apud MENEGETTI (2008, p. 5) “tiveram um acesso marginal a este crédito, e como consequência, acesso marginal à modernização”.

A Fábrica de Calçados Brochier iniciou atividades em Joaneta em 1981, atendendo ao apelo de Pe. Inácio Schabarum, Pe. José Backes e Nestor Mallmann, visando sustar a evasão de gente jovem, à busca de emprego. Foi a primeira filial da fábrica, com matriz em Novo Hamburgo, hoje multiplicadas para nove (FLORES, A. H.; FLORES, I 1996, p. 95).

Com as oportunidades de emprego na indústria, os agricultores começaram a vislumbrar novas formas de reprodução social, com vantagens: remuneração mensal regular, 13º salário, trabalho sem exposição aos efeitos da natureza, inserção sindical, novas oportunidades de emprego frente às incertezas e à má remuneração da força de trabalho na agricultura familiar. Esses fatos acarretaram o êxodo rural no município, principalmente por parte das mulheres, pois existia a tradição de que o homem era responsável pelos trabalhos agrícolas, e as mulheres, pelo trabalho doméstico.

O próprio desenvolvimento do êxodo rural contribui para mudar esta situação. A partir de certo momento “... são mulheres que partem mais rapidamente e em maior número, pois os homens ficam retidos por seu ofício e sua unidade produtiva, enquanto as mulheres são mais atraídas por atividades terciárias urbanas” (MENDRAS 1976/1995, p. 236 apud

CAMARANO; ABRAMOVAY 1999, p. 13). De acordo com Abramovay (2005) apud Wedig (2008, p. 8) ,“a agricultura familiar estaria comprometida, em razão da saída dos jovens do campo, principalmente as mulheres, o que estaria provocando o que ele denominou de masculinização dessas áreas”.

Esses fatos limitantes enfrentados pelas famílias rurais locais são acrescentados pela depreciação do espaço rural, que começou a ecoar no léxico da sociedade contemporânea, contribuindo assim, para o fortalecimento das indústrias locais, e conseqüente redução do número de trabalhadores rurais.

A questão supracitada, envolvendo o êxodo rural, é bastante peculiar, pois ao mesmo tempo em que este processo ocorreu nas formas de residência, fazendo com que várias pessoas migrassem; também reteve a população no interior, pois, com a fonte de renda certa ao fim do mês, e com os meios de transporte oferecidos pela indústria, abriu-se a possibilidade da permanência da população rural na zona rural. Isso veio ao encontro dos objetos da gestão pública, pois ao oferecer trabalho diante da crise agrícola, também reteve sua população no espaço rural, dinamizando assim, sua economia. Desse modo, as indústrias não impediram a permanência das pessoas com relação ao meio rural, sendo o seu desenvolvimento um fator decisivo para a consolidação demográfica no espaço rural local.

#### 4.5.5 Picada Café no contexto regional da época

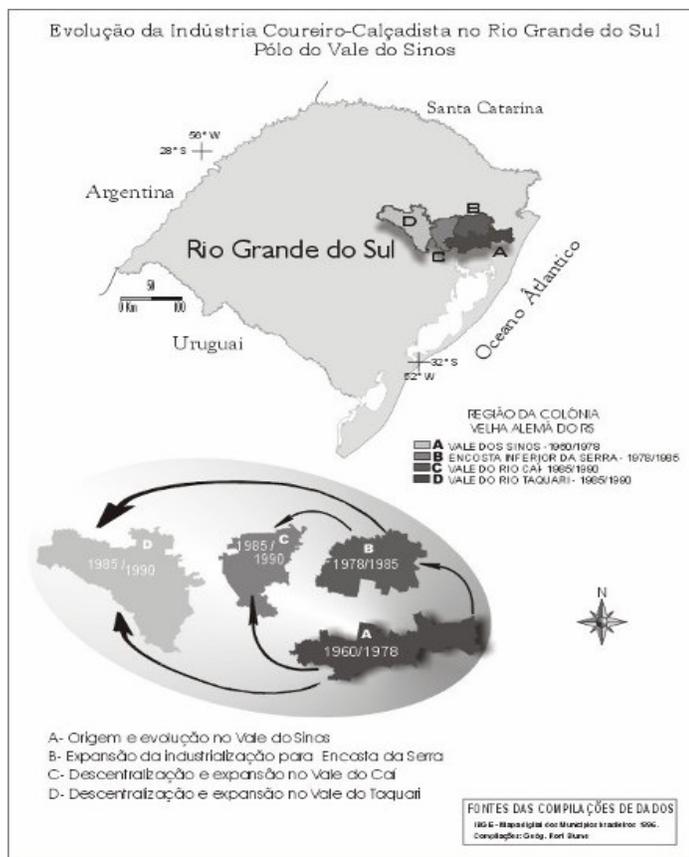
Nessa época, segundo SCHNEIDER (1995, p.4):

Na região da antiga Colônia Velha alemã as transformações de estrutura produtiva da agricultura percorreram uma trajetória distinta. A partir do início da década de 80, a indústria coureiro-calçadista estabeleceu uma peculiar interligação com os diferentes aspectos da economia regional das microrregiões da Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari. Esta articulação da indústria com a agricultura familiar gerou não somente transformações nas atividades agrícolas dos pequenos agricultores, sobretudo mudanças ocasionadas no processo de produção, como também levou uma parcela significativa da força de trabalho das famílias rurais ao assalariamento nas fábricas. O que parece singular neste processo é o tipo de relação salarial que se estabeleceu. O emprego dos colonos, especialmente dos mais jovens, em atividades fabris não se caracteriza por um processo de proletarização strictu sensu e, assim, os efeitos da industrialização sobre a agricultura familiar não chegaram a provocar, de fato, movimentos migratórios expressivos das populações rurais da região para as cidades (SCHNEIDER 1995, p. 4).

O processo da industrialização difusa, estudado por Sérgio Schneider, refere-se ao processo da descentralização regional de empresas, que haviam conseguido a entrada no mercado externo, favorecendo assim, seu aumento de produção e a descentralização/interiorização, ou seja, a abertura de filiais nos municípios pequenos, do interior. Concomitantemente a isso, a própria formação emancipacionista dos municípios da região foi fator decisivo ao favorecimento de entrada das indústrias nas cidades da região, pois estes necessitavam desenvolver sua economia para ter solidez e segurança de progresso frente à crise agrícola da época.

Além deste fator, a descentralização pode ser creditada a duas outras razões, que talvez sejam as mais importantes. De um lado, o interesse das empresas por uma força de trabalho de baixo custo, mais disciplinada e mais cativa, que estava disponível nas microrregiões circunvizinhas ao Vale dos Sinos formada basicamente por jovens filhos de colonos de origem alemã, ainda residentes nas áreas rurais. De outro lado, as empresas optaram por esta estratégia para fugir à crescente institucionalização das relações de trabalho nos centros urbanos, estimulada pelo aumento da sindicalização dos operários e pelos emergentes (e cada vez mais frequentes) movimentos grevistas que lutavam pelo aumento dos salários (SAUL, 1988; ZIMMERMANN, 1994, apud SCHNEIDER, 1994, p. 10-11).

A figura a seguir (figura 10), extraída do estudo “O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento”, de Sérgio Schneider, nos mostra claramente a evolução desse processo, sendo que na região de Picada Café, este teve efervescência na década de 1980.



**Figura 10 - Evolução da indústria coureiro-calçadista no Rio Grande do Sul**  
Fonte: Schneider (2004)

O processo supracitado, no qual se abandonou, em grande expressão, o sistema produtivo colonial, e inseriu-se a economia industrial, é visto com o surgimento de um novo sistema de relações entre o espaço rural e o espaço urbano. Do mesmo modo, surge um novo tipo de trabalhador, denominado por Sérgio Schneider de “Colono-Operário”. A expressão “colono” é regional, típica do sul do Brasil, sendo que em outras regiões deste temos outras expressões do senso comum para trabalhadores da terra, como sitiantes (Nordeste) e ribeirinhos (Amazônia).

Designamos colono-operário todo aquele trabalhador que se emprega em trabalhos extra-agrícolas e mantém algum tipo de relação com as atividades rurais ou agrícolas. Estas podem implicar em trabalhos temporários ou permanentes, próprios ou de terceiros, desde que

o indivíduo denominado de colono-operário usufrua delas de alguma maneira: seja para subsistência ou como fonte de renda.<sup>3</sup>

Segundo SCHNEIDER (2004, p. 29):

Os colonos-operários formam uma categoria social do mercado de trabalho do setor coureiro-calçadista que surge, portanto, na esteira do processo de descentralização e interiorização da industrialização, iniciada na década de 1980. Os colonos-operários constituem-se dos membros das famílias de agricultores que, apesar de manterem residência nas áreas rurais, trabalham nas fábricas de calçados. A estas unidades é que se dá o nome de famílias pluriativas, que são aquelas onde os membros exercem mais de uma atividade produtiva. Nesta região, a agricultura reduz-se a uma atividade acessória que é exercida pelos membros remanescentes na propriedade (muitas vezes os mais velhos, as crianças e/ou as esposas) para obtenção da produção de subsistência. Os indivíduos que exercem a pluriatividade desfrutam de uma dupla condição social: como operários são assalariados nas fábricas de calçados e como colonos ainda mantêm uma ligação com o espaço rural e a terra, pois não raro ajudam os familiares nas tarefas agrícolas nos horários em que não estão ocupados com o trabalho fabril, especialmente nos finais de semana ou feriados SCHNEIDER (2004, p. 29).

O fato de os colonos-operários permanecerem ligados ao ambiente social e econômico rural lhes permite reduzir os custos com alimentação e moradia. Este ambiente não é apenas o espaço da propriedade da terra, onde se exercem as atividades produtivas da família, nem apenas o espaço da casa paterna, onde sob os auspícios do poder patriarcal consolidam-se relações entre pessoas ligadas entre si por laços familiares e de parentesco. O ambiente rural exerce sobre o indivíduo colono-operário uma atração enquanto espaço social, pois nele ocorrem as relações sociais comunitárias. Neste espaço, preservam-se e revigoram-se as relações de interconhecimento, típicas do modo de vida colonial (SCHNEIDER 1994, p. 30).

FLORES, A. H.; FLORES, I (1996, p. 84), destacam:

Em 1993 Picada Café dispunha de 111 estabelecimentos, entre curtume, fábricas de calçados, confecção, comércio e serviços. Em 1995, a indústria representou 86% da arrecadação do município, empregando 3000 funcionários (Zero Hora, 13.12.1995). Está interiorizada, para manter a força operária em seu lugar de origem, evitando inchamento da sede com decorrentes problemas de habitação, alimentação e saúde Flores & Flores (1996, p. 84).

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes ver SCHNEIDER (1994, p.286).

#### 4.5.6 Minifundização das propriedades rurais

Outro fator importante a ser considerado para o desenvolvimento do setor coureiro-calçadista, juntamente com a superexploração de terras, foi o processo de minifundização, baseado na herança por partilha, gerando pouca quantidade existente de terras para cada família. Nesse caso, desde a imigração, até o período de intensificação da industrialização, as famílias rurais eram bastante numerosas, com casos de até 15 filhos por casal.

Segundo MAZOYER; ROUDART (1933, p.516):

A pressão demográfica pode ser por si mesma uma das causas de minifundização. De fato, num sistema agrícola qualquer, quando a densidade populacional aumenta, ocorre forçosamente um momento em que todas as terras exploráveis já estão cultivadas, e assim a superfície trabalhada por estabelecimento agrícola se reduz (MAZOYER; ROUDART 1933, p.516).

Sob essa realidade, os agricultores locais teriam que aumentar a produtividade do trabalho nas propriedades, e isto seria viável com o uso de tecnologias, multiplicação de cultivos e aumento de trabalho. Porém, distante das ligações com o mundo da tecnologia agrícola e do crédito rural, sob as condições de superexploração e inadequação à mecanização, e inseridas num contexto de expansão do setor coureiro-calçadista, as propriedades rurais locais perderam potencial produtivo e muitos agricultores locais foram trabalhar nas fábricas.

A crise instalada na agricultura, na época, fez com que o assalariamento nas fábricas ocorresse naturalmente e, com isso, cada filho começava a receber sua própria remuneração. As terras foram sendo repartidas, como condições de herança para cada filho. Ademais, foram estabelecidos também costumes alemães quanto à organização interna da família, conforme parágrafo a seguir.

Segundo FLORES, A. H.; FLORES, I. (1996, p. 37):

...heranças de famílias numerosas geravam frações minúsculas, embora as escrituras confirmem o costume alemão de um dos filhos, geralmente o caçula, comprar as terras paternas por preço inferior à cotação do mercado, com o compromisso de zelar pelos pais enquanto vivos. Por vezes o cônjuge viúvo transferia sua meação ao filho, que também adquiria o quinhão de terras dos irmãos, notadamente quando

estes estavam casados e residiam em outro município ou estado (FLORES, A. H.; FLORES, I. 1996, p. 37).

Estes autores ainda acrescentam:

A doação inter-vivos tinha por objetivo evitar inventário, transferindo as terras ao filho que residia na propriedade, com a ausência dos demais. O filho assumia o compromisso de zelar pelos progenitores. Era um cuidado previdenciário com carga humanitária, pois mantinha o velho no lar, onde ele continuava exercendo determinadas funções, como a de zelar pelos netos, sentindo-se útil e benquisto (quando não entrava em jogo de incompatibilidade com o genro ou a nora, o que naturalmente deteriorava o relacionamento). A industrialização, intensificada na década de 1980, modificou a estrutura das famílias, cujos membros passam o dia na fábrica, que mantém creche para os filhos das operárias (FLORES, A. H.; FLORES, I. 1996 p. 37).

#### 4.5.7 Novas relações com a agricultura e com o meio rural

Mesmo que os processos supracitados tenham sido marcantes na sociedade local, e mesmo que os sistemas produtivos coloniais tenham entrado em crise, a policultura continuou a ser gerida, mas em menor escala. A industrialização, que exerceu o recrutamento da mão de obra excedente no meio rural veio a contribuir fortemente nessa questão. Surge então, um novo tipo de trabalho na agricultura, denominada por Schneider (1995) de "*agricultura em tempo-parcial*" (ou "*part-time farming*"), ou seja, com adesão das famílias à pluriatividade, bem como à forte incidência da acaciocultura, que antes já era uma fonte de renda, mas a partir desse período, altera a paisagem rural local, modificando tonalidades de marrom e amarelo das roças, para o verde dominante de suas matas.

A pluriatividade refere-se a um fenômeno que se caracteriza pela combinação das múltiplas inserções ocupacionais das pessoas que pertencem a uma mesma família. A emergência da pluriatividade ocorre em situações em que os membros que compõem as famílias domiciliadas nos espaços rurais combinam a atividade agrícola com outras formas de ocupação em atividades não agrícolas. A pluriatividade resulta da interação entre as decisões individuais e familiares com o contexto social e econômico em que estas estão inseridas. Objetivamente, a pluriatividade refere-se a um fenômeno que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura (SCHNEIDER 2004, p. 79).

A silvicultura possibilitou o ingresso dos jovens na indústria, e ao mesmo tempo, estes plantavam, junto com seus pais, a acácia-negra e o eucalipto, predominantemente em suas propriedades. Este tipo de atividade, inserida no contexto da pluriatividade, começa a ser uma nova alternativa de renda no meio rural local, pois permite o uso da terra para fins lucrativos enquanto exerce-se uma atividade não agrícola. Assim, estas culturas são consideradas como cultura de abandono.

A denominação de cultura de abandono à acaciocultura deve-se a dois motivos: o primeiro, referente ao cultivo propriamente dito, pois esta atividade exige pouco tempo de trabalho e dispensa cuidados específicos de manejo após completar um ano de idade; o segundo motivo refere-se ao *abandono* simbólico da penosidade do trabalho agrícola do colono pelo emprego assalariado na indústria enquanto sua terra permanece *produzindo*, ou melhor, a floresta de acácia desenvolve-se (SCHNEIDER 1994, p.205).

Sobre as transformações tecnológicas das últimas décadas, evidencia-se o pensamento FLORES; A. H.; FLORES, I. (1996, p. 140):

Aos poucos o fogão de tijolos com chapa de ferro cedeu lugar ao fogão de ferro à lenha. O fogão a gás fez esquecer o antigo fogão à lenha; a panela de ferro cedeu à de alumínio e vasilhas de barro foram substituídas pelas de plástico, modificando a dieta alimentar e diminuindo a dependência direta de produtos da lavoura. Hoje, as fábricas do município fornecem almoço aos empregados e distribuem ranchos alimentares por preço acessível, descontado no fim do mês (FLORES; A. H.; FLORES, I. 1996 p. 140).

#### 4.6 AGRICULTURA E VIDA RURAL NO MOMENTO ATUAL DE PICADA CAFÉ

No caso de Picada Café e na região, a agricultura familiar é preponderante, sendo perceptíveis algumas propriedades de agricultura patronal. As propriedades rurais locais, mesmo que apresentem singularidades específicas para as pessoas de sua representação, como cultura, tamanho de área de ocupação, língua, etc., devem ser entendidas segundo sua diferenciação socioeconômica e ambiental, fatores estes que estão atrelados aos objetivos futuros e de reprodução social de cada família rural. Segundo Lamarche (1933, p.14), “a agricultura familiar não é um elemento da diversidade, mas contém nela mesma, toda a diversidade”.

A família constitui-se na unidade-chave para explicar o processo de tomada de decisões dos indivíduos no que se refere à produção, à alocação da força de trabalho, à utilização dos equipamentos e ao investimento. Assim, para se compreender o funcionamento das unidades econômicas baseadas em trabalho familiar, torna-se necessário investigar o modo pelo qual as famílias solucionam seus problemas com vistas à manutenção da situação de equilíbrio entre consumo e trabalho, vital para garantir a reprodução social do grupo familiar (CHAYANOV, 1974 apud SCHNEIDER et al 2006, p. 141).

As particularidades das condições sociais, econômicas e políticas, sob as quais a agricultura familiar tem-se desenvolvido, definem um campo de possibilidades e objetivos de atuação específica para os agricultores familiares. Isso determina, para esse tipo de unidade de produção, uma racionalidade administrativa própria, a qual é, essencialmente, distinta da racionalidade típica das grandes organizações, em geral, e das empresas, em particular (LIMA et al. 2005, p. 46).

Os produtores familiares, devido ao seu baixo grau de instrução técnico-acadêmico, não utilizam sistemas avançados de cálculos e metodologias agrônomicas técnicas, mas sim, baseiam-se em seus conhecimentos empíricos, apreendidos com os seus antepassados, bem como pela sua visão tácita no cotidiano da vida agrícola-rural.

As faltas de procedimentos gerenciais e de conhecimentos técnicos não podem ser vistos como condicionantes únicos do êxodo e do envelhecimento no meio rural no espaço analisado. Deve-se entender o contexto histórico (com aspectos como urbanização, emancipação, favorecimento de entrada de empresas e de prestadores de serviços, dependência tecnológica, etc.), e principalmente, a difusão do setor coureiro-calçadista. Em face disso, destaca-se que, atualmente, os agricultores familiares ativos, que permanecem na agricultura, utilizam basicamente conhecimentos empíricos e visão tácita, aliados a eventuais consultas com técnicos locais. Assim, a formação do espaço agrário e a alocação da força de trabalho familiar estão atreladas à realidade do ambiente em que se insere.

Os objetivos de cada família perpassam pela necessidade de utilização racional de recursos, tanto materiais, como humanos, e com isso, tal aspecto reflete a necessidade funcional de decidir e de agir no menor tempo e com o mínimo de recursos possíveis para com as atividades que venham a ser necessárias na execução das tarefas. Esse contexto está atrelado, porém, às forças externas, como o meio físico, as limitações/potencialidades dos recursos que precisam ser utilizados.

Os recursos de que o homem dispõe ou pode dispor para alcançar seus objetivos envolvem, por um lado, os elementos materiais e conceituais que o homem coloca entre si e a natureza para dominá-la em seu proveito e, por outro lado, o esforço dispendido pelos homens para que o processo de transformação da natureza se realize. Esses recursos têm a ver, respectivamente, com a relação do homem com a natureza e com a relação dos homens entre si. São relações que existem em interdependência (PARO 1988 apud LIMA et al 2005, p. 32).

Com a interiorização das indústrias de calçados, outros serviços como bancos, comércio e transporte passaram a ampliar o mercado local e regional de trabalho. Com isso elevaram-se, rapidamente, os preços da terra de pequenas propriedades que passaram a ser "*sítios de lazer*" (chácaras). A proximidade com a região metropolitana de Porto Alegre (cerca de 60 km) ou da emergente região industrial de Caxias do Sul e adjacências e as características de zona turística (Serra Gaúcha) são os principais fatores responsáveis pela rápida valorização fundiária (SCHNEIDER, 1995, p. 21). Além disso, as formas de parceria e meação ressurgiram e estão presentes em diversas propriedades, principalmente naquelas aonde os proprietários possuem como renda principal o trabalho em atividades não agrícolas, não obstante que as propriedades rurais baseadas nesse sentido de serem "chácaras", representam, hoje, 214 bens no município, algo em torno de 30% da totalidade de propriedades rurais existentes no mesmo (KLAUCK, 2011). Este e outros dados de diferenciação por propriedades serão apresentados posteriormente.

#### 4.7 RELAÇÕES DE IDENTIDADE SOCIOCULTURAL LOCAL

Os produtores familiares locais, na imensa maioria dos casos, têm eurodescendência alemã, e atividades como os jogos de carta (Canastra, Bife, Schaffkhopf), futebol, canto coral, ida à missa dominical, celebração do Dia do Colono (25 de julho), festejos do kerb, clubes de mães, grupos de danças folclóricas alemãs, bolão, etc., são exemplos de similaridade na cultura e nos modos de vida local, e por isso, este tipo de população se identifica perante os costumes e tradições oriundos de seus antepassados de origem alemã. Além disso, a produção em pequenas glebas, a alimentação com comidas típicas alemãs (cuca, pão, linguiça, etc.), a reciprocidade nas comunidades e os hábitos de endogamia são, também, fatores importantes nessa análise de elementos de identificação sócio-cultural.

Expressão da sociabilidade colonial teuto-riograndense manifesta-se através do *kerb* (abreviatura de *kircheweihfest*). O *kerb* é uma festa religiosa e lúdica que tem vários significados: manifestar a devoção da comunidade e seus habitantes de um povoado aglomerado ao santo padroeiro de sua localidade; brindar os progressos alcançados na nova lavoura oferecendo aos amigos e parentes de outras localidades o melhor da produção agrícola alcançada; reencontrar amigos, parentes e compadres para festejar, jogar e trocar informações e, manter a coesão da família-tronco (SCHNEIDER, 1994 apud OLIVEIRA 2002 pg. 64). No presente caso, o *kerb* acontece em cada comunidade de acordo com o fim de semana de um determinado mês, em que é comemorada a saudação ao seu padroeiro (a). Assim, as comunidades festejam umas com as outras este evento festivo da cultura alemã local.

A religiosidade popular apresenta-se com manifestações peculiares à região, estabelecendo relações e desenvolvendo rituais que muitas vezes perdem seus significados originais. Contudo mantêm-se tradições que passaram gerações. A religiosidade popular acontece paralela às liturgias das religiões católica e evangélica, com pequenas variações de família para família (FLORES, A. H.; FLORES, I. 1996 p. 135).

A escolarização também é uma faceta importante de observação nesse contexto, uma vez que os agricultores locais, na maioria dos casos sendo idosos, possuem baixa escolaridade. Segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Picada Café (2008), dos seus 439 associados, 95% destes não possuem o nível fundamental completo. No caso brasileiro, mais de 80% de produtores agropecuários são analfabetos, ou então, não concluíram o ensino fundamental. As práticas agrícolas e as formas de sucessão rural, inserindo-se nesse caso, são repassadas entre as gerações, ao longo do tempo, o que também identifica uma similaridade de modos de vida no que concerne ao respeito aos conhecimentos de ancestrais.

#### 4.8 FORMAS DE PRODUÇÃO AGROSILVOPASTORIS

A agricultura local, nas suas formas de produção, pode ser vista com as seguintes atividades: fruticultura; avicultura de integração e de subsistência; suinocultura de integração e de subsistência; cunicultura de subsistência; caprinocultura de subsistência; equinocultura (transporte e criação), ovinocultura de subsistência; bovinocultura de corte; bovinocultura de

leite; produção de verduras e legumes; grãos (especialmente milho e feijão), silvicultura (acácia-negra, eucalipto, pinnus elliot e uva-japonesa), produção agroecológica (chás, sucos, ervas). Além destas atividades, destacam-se os espaços de preservação/lazer/sítios.

Os dados a seguir (tabela 3) foram extraídos dos levantamentos do IBGE (2007), nos quais podemos identificar melhor, em números reais, as formas de produção da agricultura local.

Na produção agropecuária local, conforme dados do IBGE - Pecuária (2009), destaca-se a avicultura de integração, que representa hoje, renda certa ao fim do mês, mas sob investimentos altos. Na questão do leite, 64 produtores vendem o seu produto à Cooperativa Agropecuária Petrópolis - Piá, de Nova Petrópolis. Na questão da suinocultura, poucos produtores trabalham nesta atividade com renda expressiva, ou seja, a produção familiar é para o autoconsumo. A Granja Dimal Agropecuária, localizada na localidade Linha Quatro Cantos é um exemplo de sistema patronal, pois esta conta com filiais em outros municípios, trabalhando com grande produção de suínos e contratação fixa de funcionários.

A produção animal é vista principalmente com o leite bovino. Porém, fatores como o envelhecimento rural e pouca inovação tecnológica representam pouca expressão da atividade no contexto regional-estadual. As demais atividades inserem-se, muitas vezes, no mercado informal, ou seja, na venda de agricultores a vizinhos ou parentes do entorno.

**Tabela 3 – Efetivo da pecuária em Picada Café (2009)**

Efetivo de rebanho	Número correspondente
Bovinos	1.376 cabeças
Equinos	60 cabeças
Bubalinos	9 cabeças
Muares	2 cabeças
Suínos	5.124 cabeças
Caprinos	54 cabeças
Ovinos	67 cabeças
Frangos, Galos e Pintos	410.000 cabeças
Galinhas	26.000 cabeças
Codornas	350 cabeças

Coelhos	180 cabeças
Vacas de ordenha	416 cabeças
Leite	1.771 litros
Ovinos tosquiados	47 cabeças
Ovos de galinha	546 mil dúzias
Ovos de codorna	7 mil dúzias
Mel	4.250 kg

Fonte: IBGE Produção da Pecuária Municipal 2009.

Disponível em: [Http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1).

A tabela a seguir (tabela 4) apresenta dados referentes ao levantamento da capacidade de alojamento dos avicultores do município, segundo dados da Secretaria da Agricultura de Picada Café (2009), mostra a capacidade de alojamento dos aviários dos 12 avicultores do município, vista com 396.800 aves.

**Tabela 4 - Levantamento da capacidade de alojamento dos avicultores de Picada Café em 2009:**

<b>Nº</b>	<b>AVICULTOR</b>	<b>CAPACIDADE DE ALOJAMENTO</b>
01	José Beno Welter	22.500
02	Remídio Hugo Welter	17.800
03	Adelmo Albino Welter	8.500
04	Loreno Schaulet	17.000
05	André Schaulet	17.000
06	João Carlos Federhen	26.000
07	Edio Hansen	14.000
08	Nilson Klein	12.000
09	João Ernani Muller	34.000
10	Oscar Klein	22.000
11	Décio Weiler	21.500
12	Paulo Ricardo Schneider	14.500
13	João Werle	170.000

Fonte: Secretaria da Agricultura de Picada Café (2009).

A tabela a seguir (tabela 5) apresenta as culturas representativas das lavouras permanentes de Picada Café, segundo dados extraídos do IBGE - Lavouras permanentes (2007).

As lavouras permanentes, vistas com diversos tipos de cultivos, existem em pequenas porções dentro das pequenas glebas do município, o que por sua vez, condiciona poucas alternativas de expansão da atividade. A laranja, cultura representada com 40 hectares plantados, é fonte de renda auxiliar de poucos agricultores. As demais culturas, quando existem excedentes, são vendidas aos chamados atravessadores ou a vizinhos, caracterizando a agricultura de subsistência.

**Tabela 5 - Lavouras permanentes em Picada Café em 2007:**

Produto	Quantidade produzida em toneladas	Valor da produção em preço real	Área plantada em hectares	Área colhida em hectares	Rendimento médio de kg por hectare
Abacate	125 t	R\$ 75.000	5 ha	5 ha	25.000 kg
Banana	20 t	R\$ 16.000	2 ha	2 ha	10.000 kg
Caqui	15 t	R\$ 14.000	1 ha	1 ha	15.000 kg
Erva-mate	6 t	R\$ 2.000	2 ha	2 ha	3.000 kg
Goiaba	180 t	R\$ 67.000	10 ha	10 ha	18.000 kg
Laranja	518 t	R\$ 226.000	40 ha	40 ha	12.950 kg
Limão	96 t	R\$ 58.000	6 ha	6 ha	16.000 kg
Mamão	18 t	R\$ 14.000	3 ha	3 ha	6.000 kg
Noz (fruto seco)	12 t	R\$ 48.000	2 ha	2 ha	6.000 kg
Pêssego	22 t	R\$ 20.000	2 ha	2 ha	11.000 kg
Tangerina	400 t	R\$ 130.000	20 ha	20 ha	20.000 kg
Uva	48 t	R\$ 48.000	5 ha	5 ha	9.600 kg

Fonte: IBGE Produção Agrícola Municipal (2007).

Disponível em: [Http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1).

A tabela a seguir (tabela 6) apresenta as lavouras temporárias de Picada Café, segundo dados extraídos do IBGE - Lavouras temporárias (2009). Nessas culturas, destacam-se o milho, plantado em maior escala nas planícies dos bairros Joaneta, Jammerthal, Esperança e

Lichtenthal, abrangendo 402 hectares plantados; a cana-de-açúcar, ocupando 120 hectares; e a mandioca e o feijão, ocupando 110 hectares cada um.

**Tabela 6 - Lavouras temporárias em Picada Café em 2009**

Produto	Quantidade produzida	Valor da produção	Área plantada em ha	Área colhida em ha	Rendimento médio por hectare
Alho	3 t	R\$ 14.000,00	1 ha	1 ha	3.000 kg
Amendoim	3 t	R\$ 8.000,00	2 ha	2 ha	1.500 kg
Arroz (em casca)	6 t	R\$4.000,00	4 ha	4 ha	1.500 kg
Batata-doce	350 t	R\$ 251.000,00	25 ha	25 ha	14.000 kg
Batata-Inglesa	96 t	R\$79.000,00	8 ha	8 ha	12.000 kg
Cana-de-açúcar	48.000 t	R\$ 384.000,00	120 ha	120 ha	40.000 kg
Cebola	24 t	R\$18.000,00	2 ha	2 ha	12.000 kg
Feijão (em grão)	36 t	R\$67.000,00	110 ha	110 ha	1.200 kg
Mandioca	1.650 t	R\$ 931.000,00	110 ha	110 ha	15.000 kg
Melão	6 t	R\$7.000,00	1 ha	1 ha	6.000 kg
Milho (em grão)	1.668 t	R\$ 616.000,00	402 ha	402 ha	4.200 kg
Tomate	90 t	R\$95.000,00	3 ha	3 ha	30.000 kg

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal (2009).

Disponível em: [Http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1).

A figura a seguir (figura 11) ilustra o manejo dos agricultores com o milho em áreas planas, enquanto que, aos fundos nas áreas íngremes, aparecem o mato nativo e plantações de acácia-negra e eucalipto, principalmente.



**Figura 11 - Colheita de milho e silvicultura, ao fundo, em Picada Café.**  
Fonte: Arquivo de pesquisa pessoal

A figura abaixo (figura 12) apresenta os vales de Picada Café, explorados pela produção agrícola (no presente caso, o milho), e ao fundo, é perceptível a acentuação de relevo, com encostas de morro íngremes. Este tipo de paisagem rural é dominante no município analisado.



**Figura 12 - Áreas planas e íngremes de Picada Café**  
Fonte: Arquivo de pesquisa pessoal

#### 4.9 O CASO DA SILVICULTURA

A seguir, apresentam-se dados extraídos (tabela 7) do site do IBGE (2009), sobre produtos da silvicultura em volume e valor (2009), mostrando valores reais de renda e de produção local.

**Tabela 7 - Produtos da silvicultura em Picada Café em 2009**

Espécie	Medição	Valor da produção
Lenha	19.889 metros cúbicos	R\$756.000,00
Madeira em toras	1.100 metros cúbicos	R\$56.000,00
Acácia-negra/Casca	506 toneladas	R\$56.000,00

Fonte: IBGE Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (2009).

Disponível em: <Http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

A produção local da silvicultura é vendida para diversas cidades, destacando-se empresas do próprio município, Caxias do Sul e região metropolitana de Porto Alegre. Os dados de renda apresentados, embora não sendo significativos, expressam uma fonte de renda auxiliar para agricultores e moradores dos espaços rurais do local. A acácia-negra e o eucalipto representam as principais atividades silviculturais em Picada Café. Vários comerciantes, que possuem infraestrutura (caminhão, trabalhadores assalariados, registro de ofício), buscam a lenha e a casca nas propriedades rurais e a levam às indústrias localizadas na região.

##### 4.9.1 Registros no DEFAP/SEMA

Os dados que serão apresentados a seguir fazem parte de um levantamento realizado nos anos de 2010/2011, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Picada Café, junto aos dados do Departamento de Florestas e Áreas Protegidas (DEFAP) e da Secretaria do Meio Ambiente. Este levantamento teve a intenção de comprovar a importância da silvicultura no espaço rural de Picada Café, não somente pela área total ocupada, mas sim por isto vir de encontro à história contemporânea, principalmente a partir da década de 1980. A acácia-negra, conforme veremos a seguir, representa 60% da área ocupada pela silvicultura. Além

disso, o número total de hectares plantados é maior, em virtude de alguns produtores não estarem cadastrados junto ao Sindicato Rural. As observações de campo realizadas ao longo deste levantamento apontam para a existência, nos anos 2010 e 2011, de 900 hectares de reflorestamento com espécies exóticas em Picada Café (KLAUCK, 2011).

A tabela a seguir (tabela 8), sobre a pesquisa da subdivisão de silvicultores por bairro no município de Picada Café (2011), apresenta a quantidade de produtores da silvicultura de Picada Café, sendo que, nos bairros de Linha Quatro Cantos, Joaneta e Jammerthal têm-se o maior número dessa representação. A área total reflorestada é de 821,6ha, distribuída entre 202 silvicultores cadastrados na Secretaria do Meio Ambiente. A acácia-negra ocupa a maior área silvicultural do município, com 488.8ha, representando 59,5% do montante dessas culturas arbóreas (KLAUCK, 2011). A plantação de eucalipto encontra-se em expansão em decorrência das facilidades de corte. As plantações de *pinnus elliot* e uva-do-japão não são expressivas e foram identificadas em um número reduzido de propriedades.

**Tabela 8 – Distribuição dos silvicultores nos diferentes bairros do município de Picada Café (2011)**

<b>Bairro</b>	<b>Número de Silvicultores</b>
Quatro Cantos	34
Quatro Cantos Fundos	16
Joaneta	33
Jammerthal	32
Lichtenthal	11
Morro Hansen	7
São João	7
Kafee Eck	17
Centro	4
Floresta	5
Picada Holanda	4
Morro Bock	16
Bela Vista	3
Colina Verde	7
Serra Verde	-

Jardim da Lagoa	1
Esperança	5
<b>Total:</b>	<b>202</b>

Fonte: Pesquisa DEFAP/SEMA/2010/2011 elaborado por KLAUCK (2011).

A silvicultura, de modo geral, conforme tabela a seguir (tabela 9) - subdivisão de plantações da silvicultura em hectares por bairro no município de Picada Café (2011), está presente em propriedades onde se constata o envelhecimento dos moradores e a existência de trabalhos não agrícolas, caracterizando-se como culturas de abandono, conforme já ressaltado com os estudos de Schneider.

As encostas e topos de morro, que dificultam a mecanização agrícola, são as áreas mais utilizadas para esta cultura. De acordo com abaixo apresentado, a concentração da silvicultura encontra-se em Quatro Cantos, Joaneta, Jammerthal, Kafee Eck, Morro Bock e Morro Hansen, bairros estes que se incumbem em áreas de aclividade e declividade. Nesses espaços, as pessoas de procedência alemã representam a maioria da população, justamente pelo caráter de “interior”, exceto em Joaneta, a área mais industrializada do município. Com isso, devido à convivência histórica dessa população com a agricultura, esse tipo de atividade torna-se mais frequente no interior do que em espaços aonde residem populações urbanas.

**Tabela 9 – Importância da silvicultura nos diferentes bairros do município de Picada Café (2011)**

Bairro	Área Plantada Total (ha)	Área Plantada Acácia-negra (ha)	Área Plantada Eucalipto (ha)	Área Plantada Pinnus Elliot (ha)	Área Plantada Uva-do-Japão (ha)
Quatro Cantos	154,2	121,9	32,3	-	-
Quatro Cantos Fundos	75,5	63,5	12	-	-
Joaneta	134,6	44	89,4	1,2	-
Jammerthal	107	36,1	57,4	0,5	13
Lichtenthal	24,8	15	9,8	-	-
Centro	19,5	8,5	10,5	0,5	-
São João	17	14	3,5	-	-
Colina Verde	34,2	30,5	3,7	-	-

Floresta	16,8	10,8	6	-	-
Picada Holanda	12	4,5	7,5	-	-
Morro Bock	60	52	8	-	-
Jardim da Lagoa	0,6	0,3	0,3	-	-
Serra Verde	-	-	-	-	-
Morro Hansen	50,8	46	4,8	-	-
Bela Vista	11,5	4,5	6	-	1
Esperança	10,5	2	7,5	1	-
Kafee Eck	92	35,2	56	0,5	0,3
		<b>488,8</b>	<b>314,7</b>	<b>3,7</b>	<b>14,3</b>
<b>Total</b>	<b>821</b>	<b>59,5%</b>	<b>38,3%</b>	<b>0,45%</b>	<b>1,75%</b>

Fonte: Pesquisa DEFAP/SEMA/2011 elaborado por KLAUCK (2011)

#### 4.10 A DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES NA AGRICULTURA

A diversificação de atividades agrícolas implica em menores riscos frente às situações macroeconômicas, pois a combinação de duas ou mais atividades geram rendas complementares, que podem atuar contra a ação de intempéries, podendo isto ser nomeado como a pluriatividade no meio rural local. Os agricultores locais atuam de forma progressiva, ou seja, com pouco capital disponível e, em muitos casos, com baixa disponibilidade de terra (abaixo de 10 ha - conforme veremos a seguir), utilizam-se estratégias de acumulação progressiva de cultivos, máquinas e animais.

Os agricultores locais, além de se diferenciarem dentro da diversificação de atividades, também utilizam diferentes sistemas de transporte, de trabalhar com a terra, de ver o mundo no seu contexto e de pensar em seu futuro. Isto está intrinsecamente ligado aos seus objetivos, à sua história de vida, à sua ligação com o crédito rural e com os setores econômicos. As figuras a seguir (figuras 13 e 14) representam bem o contraste existente entre os meios de transporte utilizados desde a imigração, como o carro-de-bois, até chegar ao momento atual, com a utilização de tratores.



**Figura 13 - Força de tração animal leve**  
Fonte: Arquivo de pesquisa pessoal



**Figura14 - Uso do trator**  
Fonte: Arquivo de pesquisa pessoal

#### 4.11 ESTRUTURA FUNDIÁRIA LOCAL

Segundo a Receita Federal do Brasil (2011), entende-se por imóvel rural, no caso também denominado de propriedade rural, toda área contínua, com uma ou mais parcelas de terras do mesmo titular (ex.: posse própria), ou ainda que este possua somente parte desta(s) (ex.: condomínio). A área contínua caracteriza a totalidade do espaço de posse, mesmo que dividida por rua, estrada, rodovia, ferrovia ou por curso d'água.

Imóvel rural é uma área formada de uma ou mais matrículas de terras contínuas, do mesmo detentor (seja ele proprietário ou posseiro), podendo ser localizada tanto na zona rural quanto urbana do município. O que caracteriza o imóvel rural para a legislação agrária é a sua “destinação agrícola, pecuária, extrativa vegetal, florestal ou agroindustrial.” Lei n.º 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, artigo 4.º, inciso (INCRA, 2011).

A Lei n.º 8.629, de 1993 (Governo Itamar Franco), assevera a função social da terra e define conceitos relativos às classificações e dimensões dos imóveis rurais. A partir de módulo rural, cria-se o módulo fiscal, que representa a área em hectares que varia para cada região. Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), as características do módulo fiscal abrangem as explorações predominantes do município, as formas de renda, o conceito de propriedade familiar e outras atividades que geram renda significativa. No caso de Picada Café, um módulo fiscal compreende 18 hectares. Ademais, segundo a Lei n.º 8.629 (ALMEIDA; RIGOLIN 2003, p. 407), a classificação dos imóveis rurais quanto ao tamanho pode ser assim definida:

# Minifúndio: imóvel rural com área inferior a um módulo fiscal (- de 18 ha; imensa maioria dos casos das propriedades em Picada Café);

# Pequena Propriedade: área entre um a quatro módulos fiscais (18 a 72 ha - pequena parcela do município);

# Média Propriedade: área de quatro a quinze módulos fiscais (72 a 270 ha);

# Grande propriedade: área superior a quinze módulos fiscais (+ de 270 ha - inexistentes em Picada Café).

Segundo dados do Atlas Fundiário Brasileiro (Sistema Nacional de Cadastro Rural/ Estrutura Fundiária Brasileira), para o ano de 1996, do total de número de estabelecimentos, 31,6% possuíam menos de 10 ha, 54,1% de 10 a 100 ha, 12,8% de 100 a 1000 ha, e somente 1,5% acima de 1000 ha. Nesse caso, a maioria dos estabelecimentos rurais é caracterizada como pequeno, ou então, médio. Essa realidade assevera a concomitância da realidade das propriedades rurais do Brasil com o município de Picada Café, que é caracterizada por pequenas propriedades, dentro destes parâmetros.

Segundo levantamentos realizados junto à Receita Federal do Brasil e ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), nos cadastros do Imposto Territorial Rural - ITR do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Picada Café, o município analisado apresenta a seguinte estrutura fundiária:

**Tabela 10 - Distribuição das propriedades rurais nos diferentes bairros de Picada Café (2011)**

<b>BAIRRO</b>	<b>Nº DE PROPRIEDADES RURAIS</b>
1. Bela Vista	4
2. Colina Verde	23
3. Esperança	26
4. Floresta	39
5. Jammerthal	67
6. Jardim da Lagoa	3
7. Joaneta	134
8. Kafee Eck	53
9. Lichtenthal	59
10. Linha Quatro Cantos	86
11. Linha Quatro Cantos Fundos / Canelinha	17
12. Morro Bock	64
13. Picada Holanda	55
14. Região Central	50
15. São Jacó / Morro Hansen	8
16. São João	26
17. Serra Verde	4
<b>TOTAL</b>	<b>718</b>

Fonte: Pesquisa ITR/INCRA (2009, 2010, 2011) elaborado por KLAUCK (2011)

A estrutura fundiária de Picada Café, segundo os levantamentos supracitados, é de 718 propriedades rurais, com uma área distribuída entre 0,1 a 45 ha. Os bairros com maior número de propriedades são Joaneta (134), Linha Quatro Cantos (86), Jammerthal (67) e Morro Bock (64), destacando-se pela sua abrangência territorial, menor densidade demográfica e pela sua existência histórica no local, sendo que os bairros criados recentemente são menores e com maior densidade demográfica.

A situação atual, com estas 718 propriedades, é diferente daquela situação da estrutura fundiária encontrada na década de 1930, quando tínhamos 463 propriedades, sendo estas já, na época, consideradas minifúndios. Nessa questão, cita-se o processo da minifundização como gerador dessa realidade. Assim, este processo caracteriza um elemento histórico no local. A prova disso é que, naquela época, existiam 375 propriedades de até 20 ha, enquanto nos dias atuais existem 463 propriedades neste estrato de área.

Conforme a tabela a seguir (tabela 11), sobre as subdivisões de tamanho das propriedades rurais de Picada Café (2011), 90,3% das propriedades rurais de Picada Café tem área igual ou inferior a 18 ha, ou seja, 649 glebas representam esse percentual. Apenas quatro propriedades rurais locais possuem mais do que 30 ha, sendo a maior propriedade vista com 45 ha, na localidade de Jammerthal (terras estas, na maior parte dos casos, improdutivas, pois são muito íngremes - espaço de preservação ambiental). Este indicador relata o contexto apresentado anteriormente, sobre a questão dos minifúndios, ressaltando-se seu enquadramento perante a Lei nº 8.629, de 1993. Os bairros com maior incidência de propriedades de até 5 ha são Joaneta e Morro Bock, bairros estes com a presença da industrialização e de chácaras, respectivamente. As quatro propriedades que têm mais de 30 hectares localizam-se em Jammerthal (1), Linha Quatro Cantos (2) e Morro Bock (1). Estes bairros destacam-se em dimensão territorial dentro do município e caracterizam-se por estarem localizados nas encostas e topos de morro. Assim, estes espaços, em grande parte, são dotados de mata nativa.

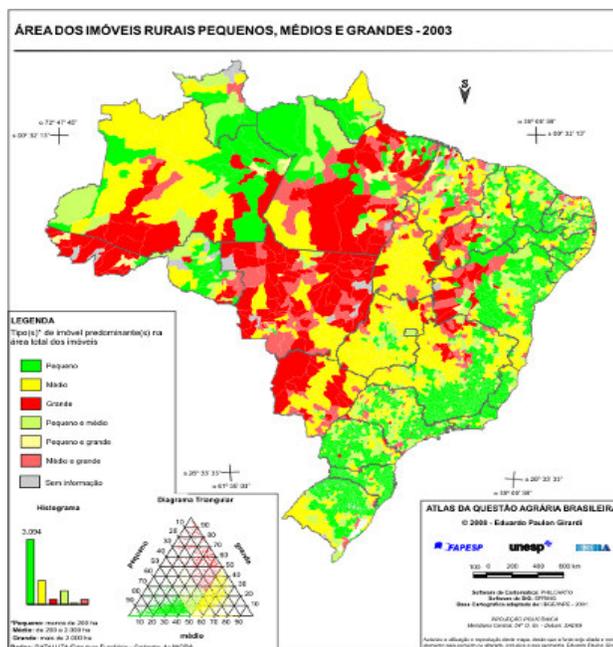
**Tabela 11 – Distribuição das propriedades rurais nos diferentes bairros de Picada Café segundo estrato de área (2011)**

Bairro	Estratos de área				
	0,1 a 5 ha	5,1 a 10 ha	10,1 a 18 ha	18,1 a 30 ha	+ de 30 ha
1. Bela Vista	3	1	-	-	-

2. Colina Verde	6	6	7	4	-
3. Esperança	13	8	5	-	-
4. Floresta	15	11	9	4	-
5. Jammerthal	18	20	19	8	2
6. Jardim da Lagoa	3	-	-	-	-
7. Joaneta	44	36	35	19	-
8. Kafee Eck	19	13	16	5	-
9. Lichtenthal	34	16	7	2	-
10. Linha Quatro Cantos	38	24	18	6	-
11. Linha Quatro Cantos Fundos / Canelinha	1	1	9	5	1
12. Morro Bock	42	9	9	3	1
13. Picada Holanda	27	10	12	6	-
14. Região Central	32	10	8	-	-
15. São Jacó / Morro Hansen	3	2	2	1	-
16. São João	16	6	2	2	-
17. Serra Verde	1	1	2	-	-
<b>Total</b>	<b>315</b>	<b>174</b>	<b>160</b>	<b>65</b>	<b>4</b>

Fonte: Pesquisa ITR/INCRA (2009, 2010, 2011) elaborado por KLAUCK (2011)

A figura a seguir (figura 15), que apresenta a área dos imóveis rurais pequenos, médios e grandes do Brasil (2003), representa um fator de comprovação das pesquisas realizadas em Picada Café. Nota-se, com relevância, a presença das pequenas propriedades não só no município analisado, mas na sua região como um todo, marcada pela imigração alemã.



**Figura 15 - Área dos imóveis rurais pequenos, médios e grandes.**  
 Fonte: INCRA (2003).

#### 4.12 DIFERENCIAÇÕES DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

As diferenças entre a qualidade e a quantidade de terras, e diferentes relações de trabalho nas propriedades rurais, reproduzem condições desiguais de ascendência socioeconômica e, por isso, também moldam a finalidade produtiva e a racionalidade de cada agricultor em sua propriedade rural. A amplitude e a importância do processo de reprodução podem acarretar a evolução/transformação do meio de vivência em questão. Com isso, segundo Lima et al (2005, p.38), “as condições de produção desiguais determinam no espaço e no tempo campos específicos de atuação e reprodução dos produtores, caracterizando diferentes tipos de unidades de produção”.

O município de Picada Café apresenta basicamente quatro tipos sociais de agricultores, ou seja, temos diferentes perfis de agricultores e de proprietários de propriedades rurais. Nesse caso, essa diferenciação foi estabelecida de acordo com a situação de cada propriedade rural dentro de uma análise de paisagem, no que concerne ao olhar adotado como pesquisador. Portanto, estes dados não se baseiam em valores brutos e estatísticos, e sim pela convivência obtida para com estes, segundo a análise a seguir apresentada. As explicações a

seguir apresentam aspectos importantes dentro das diferenciações de cada tipo de produtor / propriedades rurais:

#### 4.12.1 A agricultura familiar de subsistência

A agricultura familiar de subsistência é encontrada na maioria das propriedades rurais do município, caracterizando-se pelo grande número de idosos e pela existência de trabalhos não agrícolas realizados por pessoas que residem nas propriedades. Nesse caso, tem-se economia de custos com a produção própria de frutas/verduras. As benfeitorias, em média, estão depreciadas e a produção agrícola é pouco expressiva, baseada no modo tradicional de cultivo da terra. A silvicultura é a principal atividade agrícola, realizada através de contratos de parceria, ou seja, silvicultores locais plantam árvores exóticas nas terras de pessoas que não trabalham no meio rural ou que sejam idosos. Este tipo de agricultura objetiva garantir o autoconsumo da família e, se existirem excedentes de produção, estes são trocados por outros produtos não cultivados em determinado espaço, ou então, são vendidos. A figura abaixo (figura 16) ilustra o comentário acima:

Aspectos	Agricultura de subsistência familiar
Renda	<p>Não é expressiva</p> <p>Casos de recebimento de aposentadorias e/ou encargos sociais</p>
Situação	<p>Os seus representantes são, na maioria, pessoas cujos filhos deixaram o trabalho rural</p> <p>Envelhecimento rural</p> <p>Agricultores aposentados</p> <p>Benfeitorias com valor baixo/médio</p> <p>Relação entre passado, presente e futuro</p>
Instrumentos de trabalho	<p>Rudimentares, tecnologias artesanais</p> <p>Baixa tecnologia</p> <p>Força animal de tração leve / tratores de pequeno porte / carros-de-boi</p>

Produção	Baixa escala
Destino da produção agrícola - Acesso ao mercado	Autoconsumo Venda a atravessadores, no mercado informal, ou a cooperativas
Dinâmica de Trabalho	Familiar

**Figura 16 - Principais características da agricultura de subsistência familiar em Picada Café**

Fonte: Elaborado pelo autor (2011)

#### 4.12.2 Agricultura familiar com renda agrícola/pluriatividade

A agricultura familiar com renda agrícola/pluriatividade é vista com a presença de alguns jovens e com dinâmicas diversas que são realizadas nas propriedades. A mão de obra é essencialmente familiar, com eventual contratação de empregados sazonais. Nesse caso, inserem-se as formas de integração com abatedouros. As benfeitorias, como tratores e equipamentos, são utilizadas constantemente. Este tipo de exploração de trabalho permite a redução significativa do êxodo rural, pois gera alternativas de ocupação e de vivência no rural, em contraposição aos custos de vida com a moradia nos centros urbanos. Ademais, Mattei (2005) destaca o papel das famílias pluriativas, “enquanto agentes capazes de frear a saída brusca da população de áreas rurais, dando um novo sentido ao processo de produção rural”. Nesse caso, a pluriatividade se apresenta como uma alternativa em contraposição ao êxodo rural, sendo que muitos jovens rurais do município se enquadram nesse sistema, pois muitos destes ocupam-se de rendas não agrícolas, mas também trabalham na agricultura nos horários de folga.

O maior número de propriedades voltadas à agricultura familiar, na qual são geridas formas de renda, se encontram nos bairros que formaram a base do município inicialmente. Nesses bairros, que constituíram Picada Café, desde o período da colonização, temos maior presença de famílias de origem alemã, e, por isso, também de agricultores familiares. Nesse caso, citam-se Jammerthal (17 propriedades), Joaneta (42 propriedades), Kafee Eck (15 propriedades), Lichtenthal (16 propriedades), Linha Quatro Cantos (23 propriedades), Morro Bock (12 propriedades), além das 15 propriedades rurais desse segmento que se encontram no bairro Floresta. Este último pertence ao grupo de bairros formados por decretos de lei, ou seja, bairros estes marcados pela maior densidade demográfica e de residência de pessoas vindas de

outros lugares. Além disso, nesses bairros, a agricultura não representa fonte de renda significativa.

A figura a seguir (figura 17) ilustra o comentário apresentado acima:

<b>Aspectos</b>	<b>Agricultura familiar com renda agrícola/pluriatividade</b>
Renda	A renda agrícola e/ou não agrícola pode ser expressiva, ou então, não ser a principal fonte de receitas da UPA.
Situação	Família de classe média a média alta  Benfeitorias com valor médio/alto  Agricultores em exercício
Instrumentos de trabalho	Rudimentares:  Força de tração animal  Tecnologia: tratores de pequeno a médio porte, colheitadeiras,  Plantadeiras manuais e mecânicas
Produção	Variável
Acesso - Mercado	Às vezes, parte da produção serve como autoconsumo.  Venda direta, a atravessadores, em feiras livres, centrais de abastecimento - CEASA- ou às cooperativas regionais
Dinâmica de Trabalho	Predominantemente familiar; em muitos casos, há contratação de empregados fixos e/ou sazonais.
Racionalidade	Reprodução social

**Figura 17 - Principais características da agricultura familiar com renda agrícola/pluriatividade em Picada Café**

Fonte: Elaborado pelo autor (2011)

#### 4.12.3 Agricultura patronal

A agricultura patronal é representada por alguns agricultores/empregadores capitalizados, que possuem mão de obra contratada nas suas atividades e não se caracterizam como familiares. O capital empregado nesta atividade, muitas vezes, é oriundo de outros setores econômicos. A alta produção é reflexo de grandes investimentos e da acumulação

progressiva de capital. A utilização de maquinários e a baixa preocupação com a natureza são fatores que caracterizam também este tipo de agricultura local.

A figura a seguir (figura 18) apresenta dados sobre a agricultura patronal em Picada Café:

<b>Aspectos</b>	<b>Agricultura patronal</b>
Renda	Expressiva, de acordo com altos padrões de investimento
Situação	Empresários rurais; a família geralmente adota práticas não agrícolas consorciadas/valor alto de benfeitorias.  Agricultores capitalizados  Desconexão com a natureza
Instrumentos de trabalho	Modernização constante de equipamentos - forma básica para seus métodos produtivos  Uso de insumos artificiais
Produção	Média a alta escala
Destino da produção agrícola - Acesso ao mercado	Cooperativas, integradoras  Elevada mercantilização, dependência
Dinâmica de Trabalho	Contratação de mão de obra, seja esta sazonal e/ou fixa.
Racionalidade	Empresarial

**Figura 18 - Principais características da agricultura patronal em Picada Café**

Fonte: Elaborado pelo autor (2011)

#### 4.12.4 Propriedade Rural de reduto ecológico/chácara/sítio

A agricultura ecológica/chácaras/sítios é representada por pessoas com médio/alto poder aquisitivo, sendo as propriedades como um local de descanso nos fins de semana. O rural é fortemente visto como espaço de preservação, de tranquilidade e de qualidade de vida, em contraponto ao modo de vida em centros urbanos. O trabalho sob meação e parceira agrícola é visto fortemente nesses espaços, desde a intensificação da industrialização no município analisado.

A figura a seguir (figura 19) demonstra a questão supracitada:

<b>Aspectos</b>	<b>Propriedade rural de reduto ecológico/chácara/sítio</b>
Renda	Baixa Média
Situação	Apreciadores do mundo rural; aposentados e ex-trabalhadores agrícolas. O rural é visto como um espaço de preservação
Instrumentos de trabalho	Variável, dependendo dos objetivos do proprietário.
Produção	Variável, dependendo dos objetivos do proprietário.
Destino da produção agrícola - Acesso ao mercado	Autoconsumo Mercado informal
Dinâmica de Trabalho	Parceria Agrícola; moradia para chacreiros.
Racionalidade	Reprodução social

**Figura 19 - Principais características da propriedade rural de reduto ecológico/chácara/sítio em Picada Café**

Fonte: Elaborado pelo autor (2011)

O espaço rural agora é procurado por pessoas de origem urbana, consumidores da natureza e das atividades que esta proporciona. O mercado já não se limita a pôr em relação, através das trocas de produtos agrícolas e de equipamentos e tecnologias, dois espaços produtivos: a cidade industrial e o campo agrícola. Hoje envolve todo o território numa teia diferenciada de atividades e fluxos econômicos (BATISTA 2001, p.55). A prova disso, a globalização e o reconhecimento da multifuncionalidade do espaço rural, são características que geram tais condicionantes.

#### 4.13 DEMAIS INFORMAÇÕES RELEVANTES

##### 4.13.1 Formas de uso da terra das propriedades rurais de Picada Café/RS

No município de Picada Café pode-se identificar diferentes tipos e formas de produção e de reprodução social nas propriedades rurais. A exemplo disso, a mentalidade de agricultores familiares do local, que residam há muitos anos no seu local de trabalho, é diferente daquela de pessoas advindas de centros urbanos. Após apresentar as suas diferenças e peculiaridades, a tabela a seguir apresenta a representação das formas de agricultura nos diferentes bairros de Picada Café, ressaltando-se a relevante presença da agricultura familiar de subsistência. Nesse caso, destaca-se a importância da industrialização local-regional, com a oferta de trabalho não agrícola, e o processo de envelhecimento rural.

**Tabela 12 - Distribuição das diferentes formas de agricultura nos bairros de Picada Café (2011)**

Bairro	Agricultura familiar de subsistência	Agricultura familiar com renda agrícola-pluriatividade	Agricultura patronal	Propriedade de reduto ecológico – improdutiva
1. Bela Vista	3	-	-	1
2. Colina Verde	6	7	-	10
3. Esperança	15	5	2	4
4. Floresta	13	13	-	13
5. Jammerthal	26	17	7	17
6. Jardim da Lagoa	2	1	-	-
7. Joaneta	59	42	3	30
8. Kafee Eck	10	15	-	28
9. Lichtenthal	22	16	2	19
10. Linha Quatro Cantos	50	23	4	9
11. Linha Quatro Cantos Fundos / Canelinha	6	7	-	4
12. Morro Bock	28	12	-	24
13. Picada Holanda	31	6	-	18
14. Região Central	16	-	5	29
15. São Jacó / Morro Hansen	1	6	-	1
16. São João	10	9	-	7
17. Serra Verde	4	-	-	-
<b>Total</b>	<b>302</b>	<b>179</b>	<b>23</b>	<b>214</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2011)

A análise da distribuição dos diferentes tipos de agricultores aponta uma elevada ocorrência de agricultores familiares de subsistência. Igualmente, constata-se uma pequena ocorrência de propriedades patronais. Isto ocorre devido à disponibilidade de pequenas glebas de terra, que impedem um incremento da produção agrícola. As propriedades com pessoas ativas na agricultura não é expressiva, com tendência a uma diminuição em curto prazo em decorrência da idade avançada dos agricultores e proximidade da idade de aposentadoria. As propriedades de reduto ecológico e de subsistência representam a maioria dos casos em Picada Café, decorrência do êxodo rural, do envelhecimento da população e do processo de industrialização.

Ainda assim, a agricultura familiar de subsistência e a agricultura familiar pluriativa/com renda representam a maioria dos casos dos proprietários e/ou responsáveis nas propriedades rurais de Picada Café (481 propriedades), sendo que este dado representa 67% dos casos.

#### 4.13.2 Faixas etárias dos responsáveis pelas propriedades rurais de Picada Café

O envelhecimento dos agricultores no espaço rural em Picada Café pode ser constatado pela análise das faixas etárias dos responsáveis pelas propriedades do município analisado (tabela 13). Destaca-se que, geralmente, o dono ou proprietário das propriedades rurais com idade acima de 61 anos (faixa IV) são encontrados em 56,5% dos estabelecimentos agrícolas. Normalmente, as propriedades gerenciadas por pessoas consideradas ativas, ou seja, com idade entre 21 e 60 anos são consideradas pluriativas.

Apenas 0,5 % das propriedades são gerenciadas por jovens de até 21 anos de idade. Com isso, destaca-se a rara incidência do trabalho de jovens na agricultura local, em virtude das dificuldades encontradas no setor primário (minifundização e envelhecimento rural), além do estímulo à realização de atividades não agrícolas, muitas vezes incitados pelos próprios pais. As diversas oportunidades de trabalho na região, inserida num eixo de industrialização, acentuam a não participação dos jovens na agricultura local.

**Tabela 13 - Distribuição, segundo estratos de idade, dos responsáveis de propriedades rurais nos diferentes bairros de Picada Café (2011)**

Bairro	Faixa I Até 20 anos	Faixa II De 21 a 40 anos	Faixa III De 41 a 60 anos	Faixa IV Mais de 61 anos
1. Bela Vista	-	-	1	3
2. Colina Verde	-	1	12	13
3. Esperança	-	-	10	16
4. Floresta	-	1	11	27
5. Jammerthal	-	5	20	42
6. Jardim da Lagoa	-	-	-	3
7. Joaneta	1	5	59	69
8. Kafee Eck	1	8	23	21
9. Lichtenthal	-	2	24	33
10. Linha Quatro Cantos	1	2	34	49
11. Linha Quatro Cantos Fundos / Canelinha	-	4	6	7
12. Morro Bock	-	1	31	32
13. Picada Holanda	-	4	17	31
14. Região Central	1	-	12	37
15. São Jacó / Morro Hansen	-	1	2	5
16. São João	-	2	9	15
17. Serra Verde	-	-	1	3
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>36</b>	<b>272</b>	<b>406</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2011)

#### 4.13.3 Residência nas propriedades rurais locais

A análise da ocorrência de residência nas propriedades rurais de Picada Café/RS (2011), aponta que apenas em aproximadamente 50% das propriedades são locais de

residência (tabela 14). Este fato, relativo à moradia, indica a proximidade das pessoas com animais domésticos, cultivos agrícolas e diversas expressões de cultura, podendo isto ser considerado importante quanto à definição de atividades e formas de expressão de objetivos individuais num determinado espaço. As propriedades sem moradores são propriedades que servem de reduto ecológico, ou então, local de realização das ditas “culturas de abandono” (em especial com o cultivo de acácia-negra), realizadas por familiares ou via parceria/meação.

**Tabela 14 – Ocorrência de residência nas propriedades rurais de Picada Café/RS (2011)**

<b>Bairros</b>	<b>Reside na propriedade</b>	<b>Não reside na propriedade</b>
1. Bela Vista	2	2
2. Colina Verde	10	13
3. Esperança	14	12
4. Floresta	19	20
5. Jammerthal	45	22
6. Jardim da Lagoa	3	-
7. Joaneta	64	70
8. Kafee Eck	24	29
9. Lichtenthal	27	32
10. Linha Quatro Cantos	39	47
11. Linha Quatro Cantos Fundos / Canelinha	9	8
12. Morro Bock	25	39
13. Picada Holanda	33	22
14. Região Central	27	23
15. São Jacó / Morro Hansen	5	3
16. São João	13	13
17. Serra Verde	3	1
<b>Total</b>	<b>362</b>	<b>356</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2011)

#### 4.13.4 Pagamento de Declaração de Receitas Federais

A pesquisa realizada no município de Picada Café analisou, por fim, o pagamento da DARF – Documento de Arrecadação de Receitas Federais, junto ao pagamento do ITR

(Imposto Territorial Rural) dos proprietários de imóveis rurais do município, sendo que isto não se vincula a outros tipos de pagamento efetuados pelos mesmos. Este imposto é pago por pessoa física e/ou jurídica quando for detentor de propriedade rural maior de 30 ha; de imóvel em outro município, de terreno e no caso de averbação de contrato de parceira agrícola. A ocorrência de Pagamentos de Documentos de Arrecadação de Receitas Federais nos bairros de Picada Café em 2011 (tabela 15) mostra que 60% das propriedades rurais locais realizam o pagamento deste imposto. Tal fato demonstra o elevado grau de inserção econômica dos proprietários destes estabelecimentos. Muitas pessoas, mesmo morando no espaço rural, possuem terrenos urbanos em áreas estritamente rurais. Nesse caso, evidencia-se uma gama ampla de possibilidades de expressão e troca de relações embasadas como capitalistas.

**Tabela 15 – Ocorrência de pagamentos de Documentos de Arrecadação de Receitas Federais nos bairros de Picada Café (2011)**

<b>Bairros</b>	<b>Propriedades rurais com pagamento de DARF</b>
1. Bela Vista	3
2. Colina Verde	13
3. Esperança	15
4. Floresta	24
5. Jammerthal	34
6. Jardim da Lagoa	-
7. Joaneta	84
8. Kafee Eck	33
9. Lichtenthal	31
10. Linha Quatro Cantos	41
11. Linha Quatro Cantos Fundos / Canelinha	8
12. Morro Bock	53
13. Picada Holanda	32
14. Região Central	35
15. São Jacó / Morro Hansen	3
16. São João	20
17. Serra Verde	1
<b>TOTAL</b>	<b>429</b>
<b>Participação de propriedades com pagamento de DARF em relação ao número total de propriedades</b>	<b>60% (429 / 719)</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2011)

#### 4.14 ZONA URBANA E RURAL: DISCUSSÃO DOS LIMITES TERRITORIAIS

O grande número de propriedades rurais, em contrapõeção a pouca população que reside na zona rural, representa uma realidade em que muitas terras rurais e produtivas estão em zonas urbanas, não obstante que existem espaços totalmente rurais, e as casas, que estão próximas das estradas, estão no perímetro urbano. Consta-se que somente dois bairros de Picada Café não possuem zona urbana, sendo estes o Morro Hansen e Quatro Cantos Fundos (também denominado Canelinha).

Sobre a transformação do espaço rural, Sauer (1998, p. 102) apud Weissbach (2007, p. 36) se expressa da seguinte forma:

[...] hoje já não se pode identificar o mundo rural exclusivamente com a agricultura, portanto, o mundo rural se tornou uma extensão do urbano, tanto do ponto de vista espacial como das relações produtivas. Em relação às atividades produtivas, além do processo de mecanização e tecnificação, está ocorrendo uma transformação nas formas de organização, contratação e gerenciamento do trabalho e crescimento de atividades não agrícolas no meio rural (SAUER 1998, p. 102 apud WEISSBACH 2007, p. 36).

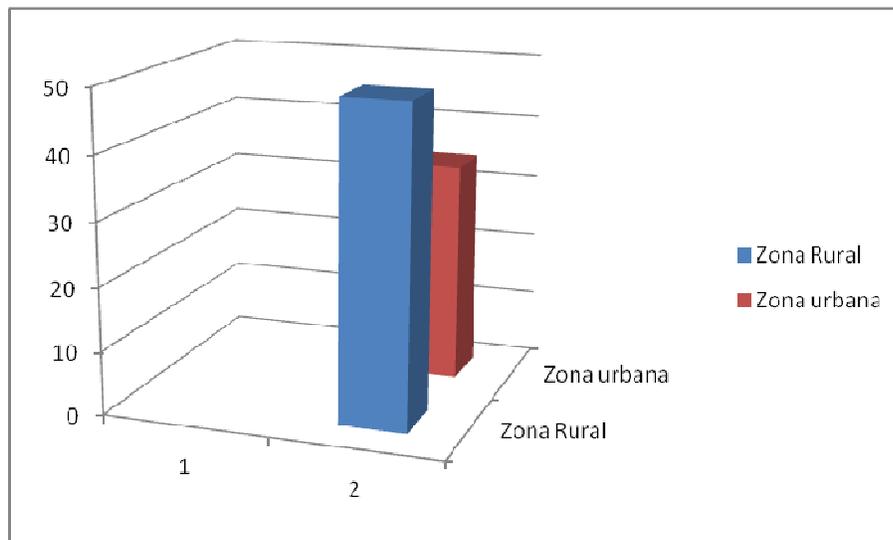
O mapa abaixo (figura 20) representa de maneira clara a segmentação das zonas consideradas urbana e rural em Picada Café, com a área rural com uma extensão de 48,16049126 km<sup>2</sup>, e a área urbana com uma extensão de 35,64901511 km<sup>2</sup>.



**Figura 20 - Mapa da zona urbana e rural de Picada Café**

Fonte: Prefeitura Municipal de Picada Café (2011)

A figura a seguir (figura 21) apresenta a porcentagem da população que reside na zona rural e na zona urbana, sob os dados apresentados na figura anterior. Mesmo que muitos espaços rurais sejam considerados urbanos, ainda temos grande presença do lado rural na questão da ocupação do território de Picada Café, devido às condições da paisagem e relevo local. Os bairros que estão incluídos na zona rural, como Quatro Cantos, Quatro Cantos Fundos, Jammerthal, Morro Hansen, Kaffe Eck, Serra Verde, Colina Verde e Floresta, apresentam uma paisagem estritamente rural. Estas características essencialmente rurais podem ser observadas em uma foto da Linha Quatro Cantos (figura 22) onde se destacam a estrada de chão batido, o trabalho familiar em pequenas glebas, com as plantações de milho e acácia-negra, típicas no município como um todo. Nos demais bairros, como Centro, Joanela, Esperança, Lichtenthal, São João, Picada Holanda, Bela Vista, Jardim da Lagoa e Morro Bock, as paisagens rurais também estão presentes, porém com menor intensidade, devido à elevada ocorrência de edificações comercial-industriais.



**Figura 21 - Porcentagem das populações rural e urbana em Picada Café**

Fonte: Elaborado pelo autor (2011).



**Figura 22 - Comunidade rural de Linha Quatro Cantos**

Fonte: Arquivo de pesquisa pessoal

#### 4.14.1 Delimitação das zonas urbana e rural em Picada Café

A Lei Municipal nº 237/95, de 14 de novembro de 1995 dispõe sobre o Plano Diretor do município de Picada Café e delimita a distribuição espacial das zonas rural e urbana.

A zona rural é constituída pela parcela do território municipal não incluída na zona urbana e tem como destinação a realização de atividades primárias e de produção de alimentos, dentro do Art. 6º - Capítulo II. A zona considerada rural abrange os bairros Quatro Cantos, Quatro Cantos Fundos, Jammerthal, Morro Hansen, Kafee Eck, Serra Verde, Colina Verde e Floresta. Destes bairros, apenas dois bairros não possuem zona urbana: Linha Quatro Cantos Fundos (Canelinha) e Morro Hansen.

A zona urbana é definida pela Lei Municipal nº 081/93 de 06 de outubro de 1993 e pela Lei Municipal nº 234 de 19 de outubro de 1995, Art. 5º do Capítulo II. A zona considerada urbana está subdividida em 6 zonas distintas. A Zona Residencial 1 é caracterizada pela proximidade das áreas geradoras de emprego, pela capacidade de retenção habitacional, pela integração ao comércio e indústrias que não causem poluição sonora e habitação demasiada. A Zona Residencial 2 é caracterizada pela disponibilidade de acesso à infraestrutura urbana, com baixa a média densidade habitacional. A Zona Mista é caracterizada pelos elos de interligação municipal para uso residencial, comercial e industrial. A Zona Industrial 1 é caracterizada pelas indústrias já instaladas. A Zona Industrial 2 é caracterizada pelo distanciamento da concentração urbana, específica para sítios e instalação de indústrias de maior porte, estas poluidoras, que não venham a atrapalhar a população existente. Por fim, a Zona de Expansão Urbana é caracterizada pela inserção no perímetro urbano, mas com características rurais – produção primária e específica para o turismo e agroindustrialização.

As atividades reproduzidas com maior escala na zona urbana local, segundo as leis apresentadas, são o comércio de abastecimento (supermercados, fruteiras, cafés, bares e açougues), comércio varejista periódico (lancherias, bazares, minimercados, drogarias, produtos alimentícios em geral), comércio varejista ocasional (lojas, livrarias, ferragem, materiais de construção, eletrodomésticos, funerária), comércio de apoio rodoviário e industrial (mecânicas, postos de combustíveis e serviços de transporte), serviços profissionais (cabeleireiros, médicos, dentistas, advogados, imobiliárias, computação), serviços de comunicações (jornal, correio, sonorização), serviços bancários (bancos, lotérica, cooperativa de crédito), serviços de cultura (escolas, centros comunitários, bibliotecas, museus, igrejas), serviços de saúde (posto de saúde), serviços de segurança (bombeiros, brigada militar).

As zonas urbanas de Picada Café são representadas pelos bairros Centro, Joaneta, Esperança, Lichtenthal, São João, Picada Holanda, Bela Vista, Jardim da Lagoa e Morro

Bock. Os espaços considerados urbanos são fortemente relacionados ao fato do município de Picada Café estar inserido em uma região de desenvolvimento do setor coureiro-calçadista e de atividades não agrícolas: o eixo Porto Alegre - Caxias do Sul.

Tulik (2003, p. 14) apud Weissbach (2007, p. 37) argumenta que:

Tradicionalmente, zonas rurais e urbanas vêm sendo delimitadas pelas atividades e funções que as caracterizam e, neste sentido, as cidades concentram determinadas funções como indústrias, serviços, residências, centro político-administrativo, centro financeiro, etc. Áreas rurais caracterizam-se por atividades de produção primárias, agricultura e pecuária, principalmente. Mesmo nessa concepção, os limites entre urbano e rural não são absolutos nem mesmo rígidos (TULIK 2003, p. 14 apud WEISSBACH 2007, p. 37).

O rural permanece sendo definido, institucionalmente, como espaço que não é urbano, delimitado normalmente pela legislação municipal. Esta legislação municipal, que define o “perímetro urbano”, desconsidera a paisagem e a predominância do modo de vida rural. Essa visão setorializada consolidou-se pela legislação brasileira, criada pelo Decreto-lei 311/38 no Estado Novo, que identifica como urbana toda e qualquer sede de município (VEIGA, 2002 apud PASE 2006, p. 114).

Segundo Veiga (2002) apud in Pase (2006, p. 116), “o Brasil essencialmente rural é formado por 80% dos municípios, onde residem aproximadamente 30% da população brasileira, ou seja, em torno de 52 milhões de habitantes. Isso representa, portanto, 4.485 municípios brasileiros, que seriam municípios rurais”.

Conforme ilustra em seu trabalho, Pase (2006, p. 187) destaca que os municípios considerados como rurais no Rio Grande do Sul, que possuem uma população de até 50 mil habitantes e/ou menos de 80 a/km<sup>2</sup>, representariam, em 2005, 91,92% dos casos, ou seja, somente 41 dos 507 municípios gaúchos não se enquadrariam nesse contexto.

O rural não se confunde com o agrícola e a perspectiva setorial tende a ser substituída pela perspectiva territorial, tendo como elemento central as potencialidades específicas de cada local, valorizadas pela dinâmica da globalização. Nesse contexto, o meio rural tende a ser crescentemente percebido (e valorizado) em quatro dimensões centrais: a de espaço produtivo (dominantemente agrícola e agroindustrial), a de espaço de residência, a de serviços (inclusive os de lazer, turismo, etc.) e a de espaço patrimonial (valorização pela função de

preservação de recursos naturais e culturais) (FRANTZ; SILVA NETO 2005 apud BASSO; NETO 2005, p. 117).

#### 4.15 ANÁLISE REGIONAL DO CAMPO SOCIOECONÔMICO ANALISADO

Segundo dados de uma pesquisa realizada por Sérgio Schneider e Paulo Dabdab Waquil, apud in Verdum et al. (2005, p. 139), o município de Picada Café está inserido no grupo por estes classificado como C, que engloba municípios pequenos, desenvolvidos e relativamente rurais. Nesse grupo, formado por 123 municípios do centro-norte gaúcho, percebe-se a menor média de hectares por propriedade no estado, com 17,39 ha. A título de comparação cabe destacar que a média de tamanho das propriedades no estado é de 52,12 hectares. Este dado (17,39 ha), por sua vez, representa cerca de 80% das propriedades rurais gaúchas. Sobre seu contingente, cerca de 50% vivem em áreas consideradas rurais. De fato, com as pesquisas realizadas em Picada Café, a maioria das propriedades (cerca de 90%), tem até 18 hectares, porém muitas se inserem em espaços considerados urbanos. Além disso, apesar de suas características paisagísticas serem essencialmente rurais, estes municípios contam com adequada infraestrutura. A exemplo disso, cerca de 90% dos estabelecimentos desses 123 municípios possuem energia elétrica.

O fenômeno da pluriatividade é bastante expressivo nesses espaços, mas, por outro lado, o seu desempenho econômico é considerado médio, com os seguintes indicadores: produtividade da força de trabalho (R\$ 4.782,41) e renda média (R\$ 14.804,63). Mesmo que as condições de solo sejam restritivas à agricultura, os indicadores econômicos representam médias acima do nível estadual. Isto não se atrela somente à qualidade de vida, à competência individual dos agricultores e de suas famílias, à diversificação de atividades e ao desempenho propriamente dito, mas também, com veemência, ao ambiente socioeconômico favorável à sua reprodução (Schneider; Waquil, apud Verdum et al. 2005).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento do contexto histórico de determinado espaço é vital para compreendermos as limitações e potencialidades de uma comunidade/município. A busca de raízes com pesquisas empíricas e análises bibliográficas, conforme realizado neste trabalho fortalece nossa base contextual acerca da realidade. Somos indivíduos de uma sociedade que é fruto de ações e pensamentos diversos, proferidas ao longo do tempo por nossos antepassados. Assim, o ideário de planos e ações que podemos praticar no futuro terá maiores chances de aproximação com o contexto atual.

A agricultura é uma atividade indissociável à vida humana, tanto que ela acompanha o ser humano, no mínimo, desde o período neolítico. Esta atividade, como sabemos, está vinculada de forma dependente à natureza, tanto nos ciclos biológicos como nos ciclos climáticos. Esta atividade acompanha o homem ao longo de sua evolução e, devido à sua necessidade de estar presente em nosso meio, temos que pensar sempre em cultivar estilos dinâmicos e sustentáveis para proferir suas formas. Muitas vezes, as pessoas não valorizam ou desconhecem a proveniência de sua alimentação diária. Neste caso, é de suma importância disseminar o papel vital de nossos agricultores e também de suas formas de vida, muitas delas ainda hoje valorizadas com a cultura e identidade social local.

O estudo de sistemas agrários de determinado espaço, como no presente caso, alusivo aos agricultores e às formas de vida rural de Picada Café, compreende um embasamento teórico da sua história, para que assim, possamos compreender a diversidade de situações que permeiam a vida destas pessoas na atualidade. A multidimensionalidade de formas de interações com o ambiente externo, os aspectos de sua produção e seus valores simbólicos de cultura e ação social são elementos muito importantes para se pensar na caracterização socioeconômica de um espaço. Com isso, a partir da heterogeneidade, deve-se pensar em propostas diferenciadas segundo os objetivos inerentes a cada família rural, mesmo que estas se identifiquem de várias maneiras. Isto se vincula, com veemência, às inúmeras possibilidades de atuação na região, com a pujança do setor coureiro-calçadista. Por tais motivos, a visão totalizante entre diferentes formas de estudo é vital para alocar uma política justa e pensamentos de desenvolvimento para o espaço rural.

Constata-se, assim, ser imprescindível explicar as origens, as transformações e o papel da agricultura no futuro do homem e da vida, em diferentes épocas e nas diferentes partes do mundo (Mazoyer; Roudart, 1997 apud MIGUEL 2006, p. 6). Segundo estes mesmos autores, “torna-se indispensável dispor de um corpo de conhecimentos que possam ao mesmo tempo integrar-se à cultura geral e constituir uma base conceitual, teórica e metodológica para todos aqueles que têm ambição de intervir no desenvolvimento agrícola, econômico e social”.

Os imigrantes alemães, dos quais a maioria da população do município de Picada Café atual descende, estabeleceram a partir de 1844, uma nova forma de vida, em que foram obrigados a se sustentar com a agricultura, já que a maioria possuía outros ofícios, os trabalhos artesanais (*Handwerker*). Esses trabalhadores tiveram vários conflitos com os indígenas e ainda sofreram por vários anos com a falta de legitimação de suas terras. Sua produção voltada para o autoconsumo e a venda dos produtos excedentes lhes garantia a sua reprodução social. As famílias numerosas representavam uma característica marcante dentro do contingente local.

O município de Picada Café, emancipado em 20 de março de 1992, e que tinha a denominação de Picada do Café antes desse momento, apresenta um relevo acidentado e vales profundos em seu território. Estes aspectos dificultam muitos cultivos agrícolas, o que culmina também na procura de empregos não agrícolas por parte dos jovens, principalmente por causa da oferta de empregos urbano-industriais; e pela procura de propriedades rurais para o descanso e preservação ambiental, no caso de pessoas com maior poder aquisitivo. A inserção desse município junto à Rota Romântica lhe traz atributos de similaridades com outros municípios próximos, que também apresentam as características apresentadas nesse trabalho, como relevo, produção agrícola familiar, cultura e gastronomia alemã, além de grande presença de paisagens bucólicas ao longo das estações do ano.

Long e Ploeg e colaboradores (1995), Arce (1997) e Arce e Fischer (1997) apud Schneider (2006, p. 275), assinalam ainda a necessidade de observar os aspectos microeconômicos envolvidos e não só os macroeconômicos. Empregando uma perspectiva fenomenológica, propõem interpretar como os atores dão sentido às suas vidas, em contraposição às análises macro, que tendem a negligenciar o cotidiano e seus significados, oferecendo uma versão limitada das complexas dinâmicas da globalização. Os fenômenos globais são fragmentados, permanentemente mediados e reconfigurados pelos atores locais.

O pensamento supracitado faz alusão ao processo hegemônico da Revolução Verde, processo este que trouxe grandes impactos ambientais e, principalmente, a exclusão de muitos agricultores brasileiros. No município de Picada Café ocorreram mudanças nesse sentido, através da desarticulação do sistema colonial de produção, através das zonas pioneiras (conforme ilustrado no pensamento de Waibel), bem como com a especialização produtiva, através da compra de máquinas e implementos, e pelo uso de agroquímicos. Porém, cabe ressaltar que, devido às condições de relevo, e pelo processo de minifundização, a Revolução Verde não pode ser encarada como um processo de retrocesso. As mudanças ocorridas a partir desse processo não foram tão significativas em Picada Café, sendo que a industrialização, por sua vez, representa grande mudança na organização socioeconômica local.

A industrialização, intensificada a partir da década de 1980 pode ser considerada um marco histórico, pois esta fez surgir novas relações no meio rural local, como a pluriatividade, através da "*agricultura em tempo-parcial*" (ou "*part-time farming*"). A silvicultura (principalmente a acácia-negra) passa a ser um elemento de destaque na paisagem local, sendo considerada uma cultura de abandono, possibilitando empregos não agrícolas, principalmente dos muitos jovens que moravam no município, na época. Estes, por sua vez, designados por Sérgio Schneider de colonos-operários, puderam permanecer residindo no meio rural local, evitando com isso, o inchaço urbano, plano este tão almejado pelas administrações locais. Atualmente, cerca de 900 hectares do município estão ocupados pela silvicultura, com destaque para os bairros de Linha Quatro Cantos e Joaneta, que possuem 154,2 e 134,6 hectares plantados, respectivamente.

A intensificação da industrialização, após surgirem os efeitos da Revolução Verde, por sua vez, atuou no posicionamento de estilos de vida da população, pois as mudanças no âmbito interno da família foram significativas, modificando-se principalmente o estilo de trabalho. Esse processo de inserção ao capitalismo deve ser entendido sob recortes espaciais, não sendo possível homogeneizar impactos e mudanças relativas a este contexto. Assim, regiões que se caracterizam pela produção agrícola e com pouca produção industrial tendem a oferecer mais ofertas de trabalho no setor primário. Com isso, tornam-se recorrentes a consolidação de ideários e formas de desenvolvimento agrícola-rural. Por outro lado, no caso analisado, a predominância do setor coureiro-calçadista e as ofertas de empregos em diferentes setores não agrícolas acabam fazendo com que a maioria dos jovens abandone a atividade rural.

As propriedades rurais de Picada Café, mesmo que apresentem para as pessoas de seu perfil, singularidades específicas, como cultura, tamanho de área de ocupação, língua, etc., devem ser entendidas segundo sua diferenciação socioeconômica e ambiental. Com isso, em cada propriedade rural temos diferentes tipos de atividades, que estão intrinsecamente ligadas ao tamanho da gleba, aos estratos de idade do grupo doméstico, à disponibilidade de crédito e à existência de benfeitorias de trabalho, às relações com o mercado, e, sobretudo, com veemência, aos seus objetivos futuros de reprodução social. Por tal diferenciação dentro da heterogeneidade dos agricultores locais, o ambiente externo a cada família rural torna-se demarcador de estratégias de reprodução social. Ademais, a autonomia e as regras estabelecidas nas relações de parentesco e consanguinidade denotam estas estratégias futuras de apropriação de conhecimentos empíricos e atividades de trabalho.

As pesquisas realizadas em torno da estrutura fundiária de Picada Café apontam, na década de 1930, 463 propriedades. No momento atual, esse município apresenta 718 propriedades rurais, o que de fato comprova o processo de minifundização ocorrido, principalmente a partir da década de 1980. Como as famílias eram numerosas, e com o setor primário em crise, muitas pessoas (principalmente os jovens), procuraram empregos nas indústrias locais. Isso acelerou este processo, uma vez que, assim cada trabalhador ganhava seu salário e se sustentava individualmente.

A atual estrutura fundiária é vista, majoritariamente com a presença de minifúndios, que são glebas com área igual ou inferior a 18 ha para o caso do município analisado. Nesse caso, 90,3% das propriedades possuem até 18 hectares, totalizando 649 estabelecimentos. De fato, esta realidade pôde ser comparada com os dados em nível nacional, que apontam grande presença desse tipo de gleba rural.

A agricultura de Picada Café está bem diversificada, mesmo que esta represente somente 5,01% do valor adicionado na atividade econômica local. A diversificação de cultivos agrícolas está presente com pujança por causa da agricultura familiar, que traz consigo essa característica. Assim, pelo fato de 302 propriedades estarem baseadas na agricultura familiar de subsistência (42%) e 179 na agricultura familiar pluriativa/com renda agrícola (25%), tem-se a diversificação como complemento de consumo, no primeiro caso, e alternativas de renda, no segundo. Ademais, pelo fato de agricultura depender de fatores climáticos, a diversificação de cultivos agrícolas também representa mais segurança de renda ao longo do ano para as famílias rurais.

As propriedades voltadas à agricultura patronal, embora sejam somente 23, são caracterizadas por estarem inseridas em pequenas glebas, mas com forte injeção de capital por parte dos proprietários (com a avicultura e suinocultura de integração e equinocultura, principalmente). As propriedades rurais de reduto ecológico, que somam 214 (30%), são caracterizadas pelo seu perfil improdutivo e são gerenciadas por pessoas que não moram de forma fixa nesses locais, na maioria dos casos. No último caso, o relevo acidentado é um fator decisivo para entendermos esse dado estatístico. Além disso, os sistemas de meação e parceria agrícola são muito vistos nesses espaços.

O envelhecimento rural representa um processo bastante presente no espaço rural de Picada Café, uma vez que 406 das propriedades (56,5%) têm como responsável, ou são gerenciadas, por pessoas com mais de 60 anos. As pessoas com idade entre 21 e 60 anos representam 308 propriedades rurais locais (43%).

As propriedades rurais locais, quanto à fixação de residência nas mesmas, ou não, apresentam valores igualmente posicionados, sendo que em 362 propriedades existem moradias fixas, e em 356, não. O pagamento de Arrecadação de Receitas Federais (DARF), por sua vez, comprova a existência de relações capitalistas e de relações externas dos proprietários de propriedades no município analisado, pois em 429 propriedades (60%), os responsáveis possuem imóvel maior de 30 ha, ou então contrato de parceria agrícola/meação, ou imóvel em outro município, ou ainda propriedade territorial urbana.

As relações contemporâneas, maximizadas pelo poder do capitalismo, estão representadas por ideários de coersão e individualismo. Muitas vezes, este tipo de comportamento acaba por influenciar determinado tipo de conduta e favorecimento às partes privilegiadas. Assim, conhecer a complexidade desse contexto torna-se elemento fundamental para gerar decisões subjetivas que venham a contribuir para o alcance da reciprocidade e do desenvolvimento rural, ou seja, para com o bem-estar de todos, a partir das condicionantes para cada tipo de ator e/ou grupo social.

A dicotomia existente entre os termos rural e urbano passa necessariamente pelo reconhecimento de particularidades e similaridades encontrados no território de Picada Café. Nesse caso, muitas propriedades rurais estão inseridas em zona urbana. Além disso, muitos espaços urbanos, infiltrados nas zonas rurais, não apresentam nenhum tipo de característica urbana, como asfalto, indústria, creche, etc. A zona rural de Picada Café, vista com 49.356 km<sup>2</sup>, representa 59% do território, isto dentro dos parâmetros homologados pelas leis

municipais. Nesse sentido, não devemos entender o espaço rural somente como abrigo da produção agropecuária, mas também, após o contexto de acontecimentos apresentados nos últimos anos, como um espaço de preservação ambiental, de fuga ao stress, de atividades não agrícolas (sobretudo, essencialmente urbanos) e de extensão de vida urbana.

Cabe ressaltar ainda, dentro dessa análise, a importância do Plano Diretor do município de Picada Café, que delimita as zonas rural e urbana do município. Devido às condições de seu relevo acidentado, que dificulta a expansão e desenvolvimento de atividades agropecuárias, aliado à grande presença de minifúndios e à sua proximidade com grandes pólos industriais gaúchos, como Caxias do Sul e Porto Alegre, e como sua economia gira em torno da indústria coureiro-calçadista, observa-se seu desempenho atual com fito majoritário no desenvolvimento de atividades não agrícolas. Ademais, também se destacam os processos históricos de fragmentação das propriedades e da crise local que estava estabelecida no setor agrícola local, em décadas anteriores. Atualmente, os indicadores econômicos do IBGE para o município de Picada Café apontam mais de 56% de representatividade econômica da indústria. Isso se torna uma prova evidente desse contexto em que está inserida a população de Picada Café.

A presença da pluriatividade no município estudado vincula-se diretamente à presença da industrialização e à dinamização de cultivos proferidos nas propriedades. Estes fatores, com veemência, levam-nos a entender as causas da inserção de Picada Café num contexto de 123 municípios do centro-norte gaúcho, que se caracterizam por serem marcados pela qualidade de vida, pela dinamização de atividades inerentes à reprodução social da família, e principalmente, pelo ambiente favorável à consolidação desse desempenho.

Com o presente trabalho, buscou-se entender como a industrialização e os efeitos da globalização foram transformações contemporâneas que motivaram, e que continuam a motivar a limitação da continuidade da reprodução da agricultura local, principalmente a de base familiar. Nesse caso, a grande presença de minifúndios, a desarticulação do sistema colonial de produção, a fortificação do setor florestal (que abastece a indústria local) e a pluriatividade, por exemplo, são aspectos oriundos das transformações macroeconômicas que se desencadearam nas últimas décadas, sobretudo a partir de 1980, no âmbito local. Este foi um objetivo, como vimos, de pessoas influentes e das administrações do município. Ademais, os objetivos internos de cada família são importantes nas decisões para a reprodução social da

mesma. Não se evidencia que este contexto seja maléfico dentro do corpo da história, mas sim gerador da atual realidade vivenciada pela população local.

A agricultura local tende a não se expandir em termos quantitativos de produção, pois as pessoas ocupadas no setor rural estão cada vez mais em menor número. A silvicultura representa, hoje, um dos principais cultivos agrícolas do local, tanto que sua dinâmica representa a realidade da agricultura em Picada Café, possibilitando a existência de “colonos-operários”, e um desenvolvimento da industrialização. As manifestações sociais, culturais e políticas representam seus ideários de identidade, mas os objetivos inerentes em cada propriedade rural assumem fator de diferenciação das propriedades, estando isto fortemente ligado à sua inserção numa região com potencial urbanístico, turístico e industrial.

Por fim, destaca-se que o alcance do desenvolvimento rural não passa por fórmulas prontas, nem tampouco é um processo a ser atingido de forma mágica. A compreensão de diferentes contextos, embasados em diversas disciplinas de estudo, torna-se um caminho muito importante a ser percorrido para se entender a atual conjuntura dos espaços rurais, tantos locais, como regionais. Como se viu, temos diferentes formas de produção, de visão e de objetivos dentro do ambiente das famílias rurais, mesmo que estas se identifiquem de várias maneiras. Por isso, pensar no ambiente externo de cada propriedade rural é muito importante para vislumbrar caminhos sustentáveis a serem percorridos pelos agricultores. Pensar unicamente na questão econômica não é o suficiente para se atingir este propósito. O respeito à diversidade de ideias e a sistematização analítica dos fatos histórico-atuais são elementos vitais para pensarmos num desenvolvimento rural justo, igualitário e viável para todas as pessoas, nos diversos cenários rurais.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Ricardo. **O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural**. Economia Aplicada – n° número 2, vol. IV: 379-397 abril/junho 2000.

ALMEIDA, Lúcia M. Alves. de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Geografia- Série Novo Ensino Médio**. 1° Edição. 9° Impressão. 2003.

ARCE, A. Globalization and food objects. *International Journal of sociology of Agriculture and Food*. 1997. P. 77-170. In: SCHNEIDER, Sérgio et al (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

ARCE, A; FISCHER, E. *Global configurations and food objects and commodities – apples, honney & coca*. Paper presented at the INTERNATIONAL CONFERENCE ON AGRICULTURAL COMMODITY SYSTEMS IN COMPARATIVE PERSPECTIVE. Toronto, Canadá, 1997. In: SCHNEIDER, Sérgio et al (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

ATLAS FUNDIÁRIO BRASILEIRO. Sistema Nacional de Cadastro Rural / Estrutura Fundiária Brasileira. 1996. In: ALMEIDA, Lúcia M. Alves. de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Geografia- Série Novo Ensino Médio**. 1° Edição. 9° Impressão. 2003.

ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Macrozoneamento Ambiental do Rio Grande do Sul**. Disponível em:

<http://www.seplag.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=545?> Acesso em abril de 2011.

BAQUERO, Marcelo; PRÁ, Jussara Reis (1995). Matriz histórico-estrutural da cultura política do Rio Grande do Sul e padrões de participação política. Cadernos de Ciência Política. Série pré-edições, n° 3, UFRGS. In: PASE, Hemerson Luis. **Capital Social e Desenvolvimento Rural no Rio Grande do Sul**. 2006. Tese (Pós-Graduação em Ciência Política). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS.

BECKER, D. F. A economia política do arroz. Tese de Doutorado. São Paulo: Unicamp, 1992. In: ROCHA, Jefferson Marçal da. **As raízes do declínio econômico da “Metade-Sul” do Rio Grande do Sul-uma análise da racionalidade econômica dos agentes produtivos da região**. UNISC, URCAMP, Brasil.

BRUM, Argemiro J. Modernização da agricultura: trigo e soja. Ijuí. FIDENE, 1985. In: PASE, Hemerson Luis. **Capital Social e Desenvolvimento Rural no Rio Grande do Sul**. 2006. Tese (Pós-Graduação em Ciência Política). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS.

CLAVAL, P. (1997): As abordagens da geografia cultural. *In*: CASTRO et al.(org.). Explorações Geográficas-percursos no fim do século. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, p. 89-117. *In*: MACIEL, C. A. A. **Morfologia da Paisagem e Imaginário Geográfico: Uma Encruzilhada Onto-Gnoseológica**. Universidade Federal do Pernambuco.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS. **Dados Gerais de Picada Café**. Disponível em: [http://www.cnm.org.br/dado\\_geral/mumain.asp?ildMun=100143292](http://www.cnm.org.br/dado_geral/mumain.asp?ildMun=100143292). Acesso em abril de 2011.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS. Dados da produção agrícola de Picada Café. 2007. Disponível em: [Http://www.cnm.org.br/dado\\_geral/ufmain.asp?ildUf=100143](Http://www.cnm.org.br/dado_geral/ufmain.asp?ildUf=100143). Acesso em maio de 2009.

DECKER, Aurélio; DECKER, Ismael. **Lucila, uma adorável tia colona**. Porto Alegre. Metrópole. 2º Edição. 2004.

DELGADO, N.P. Política Econômica, Ajuste Externo e Agricultura. Debates-CPDA, n7, setembro de 1998, Rio de Janeiro, 1998. CPDA, Debates, 7. *In*: MENEGETTI, Gilmar A. **Desenvolvimento, sustentabilidade e agricultura familiar**. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/docs/agricultura/art18.htm>. Acesso em abril de 2008.

DENARDI, Reni Antônio. **Agricultura familiar e políticas públicas: alguns dilemas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável**. Artigo: Revista Agroecologia E Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v. 2, n. 3, jul./set. 2001.

DEPPE, G. *et al.* **Estudos Sociais: Município de Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 1988.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço**. Rio de Janeiro, Record, 2003;

OLSON, Steve. A história da humanidade. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2003. *In*: ASSAD, Maria L. L.; Almeida, Jalcione. **Agricultura e sustentabilidade: contexto, desafios e cenários**. Artigo publicado em *Ciência & Ambiente*, n. 29, 2004. p.15-30.

ESTATUTO DA TERRA. Lei nº 4504, de 30 de novembro de 1964. *In*: ALMEIDA, Lúcia M. Alves. de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Geografia- Série Novo Ensino Médio**. 1º Edição. 9º Impressão. 2003.

FLORES, Hilda A. H; FLORES, Moacir. **Picada Café**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Picada Café. Editora Nova Dimensão. 1996.

FONSECA, J.J. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002, Apostila. *In*: SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A Pesquisa Científica. *In*: SILVEIRA, Denise T.; GERHARDT, Tatiana E (Org.). **Métodos de Pesquisa**. PLAGEDER/UFRGS. 2009.

FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. **As bases geográficas da sociologia rural: a contribuição de Pierre George**. Plageder / UFRGS. 2008.

FRANTZ, Telmo Rudi; SILVA NETO, Benedito. A dinâmica dos sistemas agrários e o desenvolvimento rural. *In*: BASSO, David; SILVA NETO, Benedito (Org.). **Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul: análise e recomendações de políticas**. Ijuí. Editora Unijui, 2005.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação**. Explicitação das Normas da ABNT. 14ª Edição. Porto Alegre: s.n., 2008.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT**. 15ª Edição. Porto Alegre: s.n., 2009.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Atlas da questão agrária brasileira**. Disponível em: [http://www4.fct.unesp.br/nera/atlas/estrutura\\_fundiaria.htm](http://www4.fct.unesp.br/nera/atlas/estrutura_fundiaria.htm). Acesso em maio de 2011.

GONÇALVES, J. S.; SOUZA, S. A. M.; Agricultura familiar: limites do conceito e evolução do crédito. Artigos: Políticas Públicas. Instituto de Economia Agrícola. *In*: TINOCO, Sonia Terezinha Juliatto. **Conceituação de Agricultura Familiar - Uma revisão bibliográfica**. 2008. Artigo em Hipertexto. Disponível em: [http://www.infobibos.com/Artigos/2008\\_4/AgricFamiliar/index.htm](http://www.infobibos.com/Artigos/2008_4/AgricFamiliar/index.htm). Acesso em novembro de 2010.

GRAZIANO DA SILVA, José. Cadernos de Difusão de Tecnologias. Brasília, Jan/Dez, pág. 13-46, 1990. Apud: MIELITZ, Carlos; MELO Lenivaldo. **Aula 1: Síntese de aula: O Progresso Técnico na agricultura (José Graziano da Silva, Ruy Miller Paiva, Yujiro Hayami & Veron W. Ruttan; Bernard Sorj, David Goodman, Jonh Wilkinson)**. Plageder/UFRGS. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Catálogo. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário - Agricultura Familiar 2006**. Disponível em: [www.ibge.gov.br/.../noticia\\_impressao.php?id...](http://www.ibge.gov.br/.../noticia_impressao.php?id...) Acesso em dezembro de 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **O que é Imóvel Rural nos termos da legislação agrária ?** 20 jan. 2010. Disponível em: [http://www.incra.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13857:o-que-e-imovel-rural-nos-termos-da-legislacao-agraria&catid=52:faqincra&Itemid=83](http://www.incra.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=13857:o-que-e-imovel-rural-nos-termos-da-legislacao-agraria&catid=52:faqincra&Itemid=83). Acesso em maio de 2011.

JAHN, Dilson *et al.* **Caderno de Picada Café: informações do Município para uso educacional**. Picada Café, 2002.

KLAUCK, Sinésio Geromir.; KLAUCK, Alexandre L.; WEBER, Neusa M. **Evolução e diferenciação de um sistema agrário, baseado no estudo e análise da localidade de Quatro Cantos, Picada Café**. PLAGEDER / UFRGS. 2008.

KLAUCK, Sinésio G. **Pesquisa sobre as propriedades rurais existentes no município de Picada Café/RS**. 2009/2010/2011. Trabalho apresentado na I Semana Acadêmica do Pólo Universitário de Picada Café. 2010.

LAMARCHE, Hugues. (coord.) *L'agriculture familiale*. 1. Une réalité polymorphe. Paris, L'Harmattan, 1993. 304 p. In: WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. 1996.

LAMARCHE, H. (Coord.). *A agricultura familiar: comparação internacional*. Campinas. Editora da Unicamp. 1998. Trad. Frédéric Bazin, 348p. , Coleção Repertórios. In: SCHNEIDER, Sérgio et al (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

LEI MUNICIPAL Nº 237/95, de 14 de Novembro de 1995.

LONG, N. ; PLOEG, J. D. van der. Reflections on Agency, Ordering the Future and Planning. In: GEORG, E.; FRERKS, JAN H.B. DEN OUDEN (Eds.) *In search of the middle ground: issues on the sociology of the planned development*. Wageningen. Netherlands, 1995, pg. 64-78. Apud in: SCHNEIDER, Sérgio et al (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

MAIGROT, J.L. & POUX, X. Les systèmes agraires du Plâteau de Langres ChatillonnaisDijon: CDDP de Haute Marne Chaumont, 1991. 260 p.In: MIGUEL, Lovois de Andrade. **Evolução E Diferenciação de Sistemas Agrários, Desenvolvimento Rural e a História da Agricultura no Brasil**. Painel 2: Dinâmicas Agrícolas e Agrárias, Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. Workshop internacional: Políticas públicas e desenvolvimento rural: percepções e perspectivas no Brasil e em Moçambique. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 24-25/agosto/2006.

MARCEL, O. (1994): Le paysage comme objet philosophique. *Géographie et Cultures*, n. 13, p.3-34. In: MACIEL, C. A. A. **Morfologia da Paisagem e Imaginário Geográfico: Uma Encruzilhada Onto-Gnoseológica**. Universidade Federal do Pernambuco.

MARX, K. (1985) *O Capital. O Processo Global de Produção Capitalista*. São Paulo, Difel, Livro III, Capítulo 47, Tradução Reginaldo Sant'Anna. In: SCHNEIDER, Sergio. **As Transformações Recentes da Agricultura Familiar no Rio Grande do Sul: O Caso da Agricultura de Tempo-Parcial**. Revista Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 105-129, 1995.

MATTEI, L. A relevância da família rural como unidade de análise nos estudos sobre pluriatividade e desenvolvimento rural. Anais do XLIII Encontro da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Ribeirão Preto, 2005. In: SCHNEIDER, Sérgio et al (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **Sistemas Agrários florestais baseados em sistemas de cultivo de derrubada – queimada**, 1997.

MAZOYER, Marcel e ROUDART, Laurence. Histoire des agricultures du monde, Paris, Seuil, 1997; DIAMOND, Jared. Armas, germes e aço. Rio de Janeiro, Record, 2003; OLSON, Steve. A história da humanidade. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2003. In: ASSAD, Maria L. L.; Almeida, Jalcione. **Agricultura e sustentabilidade: contexto, desafios e cenários**. Artigo publicado em Ciência & Ambiente, n. 29, 2004. p.15-30.

MAZOYER, M., ROUDART, L. Historie des agricultures du monde: du néolithique à la crise contemporaine. Paris: Seuil, 1997. 531 p. In: MIGUEL, Lovois de Andrade. **Evolução E Diferenciação de Sistemas Agrários, Desenvolvimento Rural e a História da Agricultura no Brasil**. Painel 2: Dinâmicas Agrícolas e Agrárias, Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. Workshop internacional: Políticas públicas e desenvolvimento rural: percepções e perspectivas no Brasil e em Moçambique. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 24-25/agosto/2006.

MAZOYER, Marcel. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MENDRAS, H. Les sociétés paysannes. Gllimard, Paris, 1995. In: CAMARANO, A; ABRAMOVAY, R. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro, janeiro de 1999.

MIGUEL, L. A. A pesquisa-Desenvolvimento na França e sua contribuição para o estudo do rural. In: Seminário Sistemas de Produção: conceitos, metodologias e aplicações. Doni Filho, L.et alli (org.). Curitiba: UFPR, 1999. pp.16- 25. In: MIGUEL, Lovois de Andrade. **Evolução E Diferenciação de Sistemas Agrários, Desenvolvimento Rural e a História da Agricultura no Brasil**. Painel 2: Dinâmicas Agrícolas e Agrárias, Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. Workshop internacional: Políticas públicas e desenvolvimento rural: percepções e perspectivas no Brasil e em Moçambique. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 24-25/agosto/2006.

MIGUEL, Lovois de Andrade. **Evolução E Diferenciação de Sistemas Agrários, Desenvolvimento Rural e a História da Agricultura no Brasil**. Painel 2: Dinâmicas Agrícolas e Agrárias, Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. Workshop internacional: Políticas públicas e desenvolvimento rural: percepções e perspectivas no Brasil e em Moçambique. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 24-25/agosto/2006.

MIGUEL, Lovois de Andrade. **Material didático 2 – A abordagem sistêmica no âmbito das Ciências Agrárias**. Plageder/UFRGS. 2008.

MIGUEL, Lovois de Andrade. **Material didático- A evolução e diferenciação de Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul**. Plageder / UFRGS. 2008.

MIGUEL, Lovois de Andrade. **Texto didático 3 – A teoria de sistemas agrários segundo Marcel Mazoyer**. Extraído do capítulo 1, pág. 39 a 45 (Mazoyer e Roudart, 2001). Plageder/UFRGS (2008).

MIGUEL, Lovois de Andrade. **Abordagem sistêmica da Unidade de Produção Agrícola (UPA)**. Plageder/UFRGS. 2009.

NAVARRO, Zander. **Desenvolvimento Rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro**. Estudos avançados. Vol. 15 (43). São Paulo, Sept. /Dec. 2001.

PASE, Hemerson Luis. **Capital Social e Desenvolvimento Rural no Rio Grande do Sul**. 2006. Tese (Pós-Graduação em Ciência Política). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS.

PICADA CAFÉ. **Dados gerais**. Disponível em:

<http://www.picadacafe.rs.gov.br/sobre/dadosGerais.asp>. Acesso em abril de 2011.

PICCOLO, Helga Landgraf. Contribuição para a História de Nova Petrópolis – Colonização e evolução da colônia. Caxias do Sul. EDUCS. 1989. *In*: FLORES, Hilda A. H; FLORES, Moacir. **Picada Café**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Picada Café. Editora Nova Dimensão. 1996.

PLOEG, J. D. The virtual farmer: past, present and future of the Dutch peasantry. Assen: Van Gorcum, 2003. *In*: SCHNEIDER, Sérgio et al (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. Fundamentos da pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação, e utilização. Trad. De Ana Thorell. 5º Edição. Porto Alegre: Artmed, 2004. *In*: SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A Pesquisa Científica. *In*: SILVEIRA, Denise T.; GERHARDT, Tatiana E (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, PLAGEDER/UFRGS. 2009.

PORTAL ECODEBATE. Censo Agropecuário 2006: IBGE revela retrato do Brasil agrário. 2009. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/.../censo-agropecuário-2006-ibge-revela-retrato-do-brasil-agrario>. Acesso em dezembro de 2010.

RIBEIRO, Berta G. Suma Etnológica Brasileira – 1- Etnobiologia. (Edição Atualizada do Handboock of South American Indians). 2º Edição. Petrópolis: Vozes/FINEP. 1997. *In*: PASE, Hemerson Luis. **Capital Social e Desenvolvimento Rural no Rio Grande do Sul**. 2006. Tese (Pós-Graduação em Ciência Política). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS.

SAUER. S. Reforma Agrária e geração de emprego e renda no meio rural. São Paulo: ABET, 2008. *In*: WEISSBACH, P.R. M.: **Subsídios para a formulação de políticas públicas para o turismo no espaço rural na Rota das Terras - RS**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista. Insituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, s.n. 265 pág. 2007.

SAUL, M.V.A. Classe Operária e Sindicalismo no Rio Grande do Sul (Novo Hamburgo: 1945 - 1964). 1988. Santo Ângelo, Fundames. *In*: SCHNEIDER, Sérgio. O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e

desenvolvimento. *Apud in*: Achyles B. da Costa: Maria Cristina Passos (Org.). **Indústria de Calçados do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo. Ed, Unisinos. 2004.

SCHNEIDER, S. Os Colonos da Indústria Calçadista: Expansão Industrial e as Transformações da Agricultura no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP. 1994. *In*: OLIVEIRA, Walcy Pereira. **O processo decisório de migrar e a identidade sociocultural dos migrantes do Alto Uruguai para Sapiranga no Vale dos Sinos**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS. 2002.

SCHNEIDER, Sergio. **As Transformações Recentes da Agricultura Familiar no Rio Grande do Sul: O Caso da Agricultura de Tempo-Parcial**. REVISTA ENSAIOS FEE, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 105-129, 1995.

SCHNEIDER, S.; WAQUIL, Paulo D. **Caracterização Socioeconômica dos Municípios Gaúchos e Desigualdades Regionais**. Revista de Economia e Sociologia Rural. SOBER, Brasília, v. 39, pág. 117-142, 2001.

SCHNEIDER, S. RADOMSKY, G. F. W. A pluriatividade e as transformações do mercado de trabalho gaúcho: um estudo de caso no município de Barão, RS. *In*: CAMPANHOLA, C; GRAZIANO DA SILVA, J. (ed.). O novo rural brasileiro: renda das famílias rurais. Volume 5. Brasília, p. 263-320, 2004. *In*: SCHNEIDER, Sérgio et al (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

SCHNEIDER, Sérgio. O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. *In*: Achyles B. da Costa: Maria Cristina Passos (Org.). **Indústria de Calçados do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo. Ed, Unisinos. 2004.

SCHNEIDER, S. Os Colonos da Indústria Calçadista: Expansão Industrial e as Transformações da Agricultura no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP. 1994. *In*: SCHNEIDER, Sérgio. O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. *In*: Achyles B. da Costa: Maria Cristina Passos (Org.). **Indústria de Calçados do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo. Ed, Unisinos. 2004.

SCHNEIDER, Sérgio et al (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

SCHNEIDER, Sérgio et al. A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul. *In*: SCHNEIDER, Sérgio et al (Org.). **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. A Pesquisa Científica. *In*: SILVEIRA, Denise T.; GERHARDT, Tatiana E (Org.). **Métodos de Pesquisa**. PLAGEDER/UFRGS. 2009.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE PICADA CAFÉ. **Declaração do Imposto Territorial Rural - DITR**. 2009, 2010.

TINOCO, Sonia Terezinha Juliatto. **Conceituação de Agricultura Familiar – Uma revisão bibliográfica**. 2008. Artigo em Hipertexto. Disponível em: [http://www.infobibos.com/Artigos/2008\\_4/AgricFamiliar/index.htm](http://www.infobibos.com/Artigos/2008_4/AgricFamiliar/index.htm). Acesso em novembro de 2010.

STRECK, Edemar Valdir et al. **Solos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EMATER/RS; UFRGS, 2002.

TULIK, O. Turismo rural. São Paulo: Aleph, 2003. In: WEISSBACH, P.R. M.: **Subsídios para a formulação de políticas públicas para o turismo no espaço rural na Rota das Terras - RS**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, s.n. 265 pág. 2007.

VEIGA et al. O Brasil precisa de uma estratégia de desenvolvimento. Brasília: Convênio FIPE-IICA (MDA/CNDRS/NEAD). 2001. In: TINOCO, Sonia Terezinha Juliatto. **Conceituação de Agricultura Familiar – Uma revisão bibliográfica**. 2008. Artigo em Hipertexto. Disponível em: [http://www.infobibos.com/Artigos/2008\\_4/AgricFamiliar/index.htm](http://www.infobibos.com/Artigos/2008_4/AgricFamiliar/index.htm). Acesso em novembro de 2010.

VEIGA, José Eli da. Cidades imaginárias. O Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas-SP: Editora Autores Associados. 2002. In: PASE, Hemerson Luis. **Capital Social e Desenvolvimento Rural no Rio Grande do Sul**. 2006. Tese (Pós-Graduação em Ciência Política). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS.

WAIBEL, L. (1955) As Zonas Pioneiras do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, Ano XVII(4): 389/417. In: SCHNEIDER, Sergio. **As Transformações Recentes da Agricultura Familiar no Rio Grande do Sul: O Caso da Agricultura de Tempo-Parcial**. REVISTA ENSAIOS FEE, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 105-129, 1995.

WEISSBACH, P.R. M.: **Subsídios para a formulação de políticas públicas para o turismo no espaço rural na Rota das Terras - RS**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, s.n. 265 pág. 2007.

ZIMMERMANN, T. Os Trabalhadores e a Crise na Indústria de Calçados. Porto Alegre, FASE, 23 pp. 1994. *Apud in*: SCHNEIDER, Sérgio. O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. In: Achyles B. da Costa: Maria Cristina Passos (Org.). **Indústria de Calçados do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo. Ed, Unisinos. 2004.

**ANEXO**

**Atuais sobrenomes de famílias de origem alemã existentes em Picada Café:**

Ackermann, Adams, Alles, Anschau, Arend, Arnold, Auler, Backer, Backes, Barth, Bauer, Beck, Becker, Berg, Bohnenberger, Biensfeld, Birk, Bischoff, Blauth, Blume, Bock, Boelter, Boettcher, Boettger, Bösing, Braun, Buchweitz, Bühler, Bündchen, Buss, Büttendender, Christ, Dahmer, Dapper, Dassow, Deimling, Dhein, Diel, Dieder, Dieter, Dietrich, Dilkin, Dill, Dreschler, Drehmer, Drumm, Eckert, Eichwold, Engel, Federhen, Futen, Feix, Fenner, Fick, Fitz, Flach, Frank, Fritsch, Fritzen, Fröhlich, Fuck, Führ, Gehlen, Gehrke, Giehl, Goetz, Graebin, Graeff, Haas, Hansen, Heckler, Heinz, Henemann, Heylmann, Hoch, Hoffmann, Holschuh, Holz, Hubler, Immig, Jahn, Jancke, Jung, Juwer, Kaefer, Kanzler, Karling, Kiekow, Kintschner, Kirschner, Klauck, Klein, Knorst, Koch, Kohl, Koepsel, Kopper, Krein, Kroetz, Kronbauer, Kronmeyer, Krueger, Krug, Kuhn, Kunz, Lamb, Lamberti, Land, Lauk, Laux, Lauxen, Lehmen, Lessinger, Linck, Lippert, Loesch, Loeser, Maldaner, Mallmann, Marx, Mattiolo, Mentz, Metz, Metzger, Mewius, Michaelsen, Michel, Model, Mombach, Moraes, Morschel, Müller, München, Nedel, Neumann, Noll, Ott, Papke, Peiter, Petry, Pinnert, Pinnow, Ponath, Prass, Rauber, Reder Reichert, Reidel, Reinheimer, Renner, Riegel, Ritter, Robinson, Rockenbach, Rodenbush, Rohr, Roloff, Rommel, Rückert, Ruppenthal, Schaab, Schabarum, Schaffer, Schaullet, Scheid, Schenkel, Schmidt, Schmitt, Schneider, Schorr, Schroeder, Schutz, Schwaab, Schwantes, Schwendler, Seewald, Seger, Sidegum, Simon, Sornberger, Spengler, Spier, Spiering, Stanke, Staudt, Steffen, Stiehl, Stoffel, Stein, Stumpf, Tegner, Tem Pass, Ternus, Trein, Trespach, Trierweiler, Utzig, Wammes, Weber, Weiler, Weiand, Welter, Werle, Wichert, Wiest, Wittmann, Wolf, Worst, Wunder, Wust, Zarth, Zilles, Zimmer, Zummach.